

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ADRIANO BIER FAGUNDES

**Crítica e Conciliação: a Formação Política de Fernando Gabeira a Partir de sua  
Trilogia do Retorno**

Porto Alegre  
2015

ADRIANO BIER FAGUNDES

**Crítica e Conciliação: a Formação Política de Fernando Gabeira a Partir de sua  
Trilogia do Retorno**

Trabalho de conclusão apresentado ao  
Departamento de História do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul como exigência parcial para  
obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Carla Simone Rodeghero

Porto Alegre  
2015

Ao pequeno Conrado e à pequena Laura.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, professora Carla, pela generosidade, paciência e inspiração.

Aos professores Cláudio Elmir e Mariluci Vargas, que gentilmente aceitaram compor minha banca de avaliação e ofereceram valiosos apontamentos.

Às colegas Paola e Roberta, que compartilharam comigo a jornada de pesquisa e escrita do trabalho de conclusão, e me auxiliaram com suas impressões e com seu apoio.

Aos diversos professores e colegas do curso de História da UFRGS, com os quais pude aprender sobre o ofício, e, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho.

Ao Jaisson, que emprestou seu ouvido e seu conhecimento, em conversas sempre iluminadoras.

Aos queridos familiares, que sempre me apoiam, não importando quão distante ou quão próximo deles eu esteja.

Aos psicólogos e aos diplomatas, que me fazem recordar continuamente por que estudo História.

Muitas vezes nos refugiamos no futuro para escapar do sofrimento. Imaginamos uma linha na estrada do tempo e que além dessa linha o sofrimento presente deixará de existir.

(MILAN KUNDERA, “A Insustentável Leveza do Ser”)

## RESUMO

Este trabalho se ocupa do estudo da formação política de Fernando Gabeira, tomando como fonte sua “trilogia do retorno”, composta por “O Que É Isso, Companheiro?” (1979), “O Crepúsculo do Macho” (1980) e “Entradas Bandeiras” (1981). A noção de formação política é construída a partir do construto “socialização política”, oriundo das Ciências Políticas, e da ideia de *Bildung*, forjada no seio do Iluminismo alemão. Implica, basicamente, o conjunto de valores, conceitos e afiliações que se mesclam de modo dinâmico para orientar o comportamento de um sujeito político. Essa noção parece instrumental para compreender a trajetória de Fernando Gabeira, que ganhou notoriedade em diferentes momentos; primeiramente, no final dos anos 60, como guerrilheiro membro de um grupo de resistência contra a ditadura civil-militar brasileira (1964-85) e, mais tarde, no contexto de abertura política, época em que a trilogia de sua autoria foi publicada, em que revê os métodos que empregara no passado e passa a militar em campos como a sexualidade e o ambientalismo. Por meio do contato com a trilogia, julgou-se possível recuperar a memória de movimentos e estações do projeto político do autor antes, durante e após o exílio, que auxiliam a melhor compreender a aparente transformação de sua agenda. Adiante, a partir do cruzamento da trilogia com fontes da mídia impressa (o jornal *O Pasquim* e a revista *Veja*), foi possível delinear que efeitos o exílio e o retorno ao Brasil provocaram em Gabeira, de modo a configurar um esquema topográfico para compreender diferentes momentos de sua formação política no tempo.

**Palavras-chave:** Formação Política, Fernando Gabeira, Trilogia do Retorno, Exílio, Memória, Ditadura Civil-Militar Brasileira.

## ABSTRACT

The present essay aims to study the political formation of Fernando Gabeira, taking as source material his “trilogy on the return”, made of “O Que É Isso, Companheiro?” (1979), “O Crepúsculo do Macho” (1980) and “Entradas e Bandeiras” (1981). The notion of political formation is built from the construct of “political socialization”, which stems from Political Science, and from the idea of *Bildung*, wrought within German Enlightenment. Basically it constitutes the ensemble of values, concepts and affiliations mixed in dynamic fashion towards the orientation of a political subject’s behavior. Such notion appears to be instrumental in order to understand Fernando Gabeira’s journey, that gained visibility in different moments; firstly, in the late 60’s, when he became a guerrilla fighter from a resistance organization against the Brazilian civil-military dictatorship (1964-85) and, later, in the context of political openness. That was of the time the author published his trilogy, in which he has reviewed the methods he had employed in the past and spoke about becoming an activist in fields like sexuality and environmentalism. We believed that it was possible to evocate back the memory of movements and stations from the author’s political project, before, during, and after his exile, thanks to the trilogy. This process also made up for a better understanding of the apparent transformation of Gabeira’s political agenda. Furthermore, it was possible to outline the effects that the exile and the return to Brazil provoked in Gabeira, after we cross-checked the trilogy with press media sources (newspaper *O Pasquim* and *Veja magazine*). This resulted in the designing of a topographical scheme, which allowed us to understand different moments of the author’s political formation in time.

**Key-words:** Political Formation, Fernando Gabeira, Trilogy on the Return, Exile, Memory, Brazilian Civil-Military Dictatorship.

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
1. O Itinerário do Pensamento de um Anistiado – Fernando Gabeira e sua Formação Política .....	16
1.1 A Trilogia do Retorno (1979-1981) .....	16
1.2 Formação Política .....	18
1.3 A Formação Política de Fernando Gabeira (1958-1981) .....	19
1.4 Trabalho, Filologia, Viagem e Tradução: caracterizações da Formação Política de Fernando Gabeira .....	31
2. Da Utopia à Heterotopia: efeitos do exílio e efeitos do retorno .....	35
2.1 O Brasil Revê Gabeira: O Pasquim .....	35
2.2 O Brasil Revê Gabeira: Veja .....	37
2.3 Gabeira Revê o Brasil: a Riqueza do Sabiá .....	42
2.4 Estações de um Projeto .....	45
Considerações Finais .....	48
Referências .....	50
A) Fontes .....	50
B) Bibliografia .....	51



## Introdução

Este trabalho nasce de uma inquietação: aquela que diz respeito ao tensionamento entre memória pública e memória particular. Diante das frequentes controvérsias a respeito de o que constituiria uma representação justa do passado, é tarefa difícil não se perder num universo de argumentos dissonantes, os quais, ainda que por vezes antitéticos, podem igualmente persuadir, contanto que recebidos a partir de determinado ponto de vista. Onde termina a memória de alguém e começa a de alguém outro? Como localizar aquilo que, no interstício, merece receber o registro de história? Especialmente em se tratando de fatos e reflexões que não dizem respeito somente a dois ou três sujeitos, mas a toda uma comunidade que partilha os efeitos de um mesmo passado, como tomar uma decisão apropriada, que não escamoteie a visão do outro? Como eleger a(s) versão(ões) oficial(is), já que se necessita de uma, ou mais de uma, versão oficial, sabendo de antemão que ela não contentará a todos os “lembrantes”, pois consiste de um mosaico cujo resultado é diferente da soma de cada uma, e que, por isso mesmo, ganha o estatuto de ser uma versão pública? E se cada indivíduo vivenciou, racionalizou, sentiu de modo totalmente distinto do outro o fato a ser narrado para a posteridade? E se, ao eleger-se a mais conveniente entre as possíveis representações do passado, correremos o risco de estar esquecendo alguma coisa? E se aquilo que esquecemos for proposital, já que jamais poderemos lembrar-nos de todas as coisas? Talvez não haja solução para tantos impasses. Mas, ainda assim, essas perguntas não cessam de inquietar.

Minha inquietação, mais especificamente, diz respeito aos usos da memória da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) desde um passado recente. Nos últimos anos, políticas públicas têm fomentado ainda mais o processo já natural de recordação a respeito de um período significativamente traumático na história do Brasil republicano. Desse esforço, decorre uma profusão de discursos: de pessoas que viveram aquele período e procuram dar voz à sua memória, de historiadores, de juristas, de formadores da opinião pública, de diversas instituições com interesses em jogo – e de, por vezes, pessoas enquadradas em mais de uma dessas categorias. Consequentemente, amplia-se também o leque de controvérsias. Penso que é sobretudo aí, no debate, onde não há consenso – e onde é válido que não haja consenso – que os historiadores podem encontrar um imenso potencial para contribuir.

Dentre as várias controvérsias que têm vigorado nesse campo, interessa-me especialmente a disputa – se podemos falar em uma disputa – entre uma corrente vista como mais energicamente crítica aos usos que têm sido feitos do passado e uma corrente vista como mais conciliadora, quando em comparação à primeira. E já que se fala em usos do passado, parece-me que um dos pontos de debate mais acalorados a esse respeito é a dualidade entre perspectivas (relativamente) negativa ou (relativamente) positiva em relação ao emprego da anistia de 1979. A lei número 6683, promulgada pelo presidente João Figueiredo, viabilizou o retorno dos exilados, bem como cancelou os processos conduzidos pelo Estado contra crimes políticos e conexos desde 1961 (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1979). Se, por um lado, a anistia encaminhou uma efetivação da abertura política e originou a transição para a redemocratização, por outro, ela não concretizou a expectativa de diversos dos perseguidos políticos, os quais imaginavam que a formalização do ato implicaria que o Estado brasileiro se disporia a reparar os excessos que haviam sido cometidos quando legalmente respaldados (SOUSA, 2011). Em vez disso, um dos efeitos frutificados pela anistia foi o de salvar os crimes cometidos pelo regime militar, uma vez que, graças à interpretação do Supremo Tribunal Federal, a expressão “crimes conexos” foi ineditamente compreendida como “crimes cometidos pelos agentes do Estado”, em vez de “crimes comuns cometidos pelos processados, contíguos aos crimes políticos”. Em 2010, a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 153, que fora ajuizada pela Ordem dos Advogados do Brasil, questionando a interpretação do parágrafo do qual consta a expressão, foi julgada improcedente pelo STF (RODEGHERO, 2014; ROESLER & SENRA, 2012).

Isso abriu espaço para que muitos tenham aferido que a anistia de 1979 foi meramente um instrumento político que o governo empregou para precaver-se de ser julgado, já que o final da ditadura parecia cada vez mais próximo. Outros, contudo, relativizaram essa perspectiva e, buscando valorizar a militância pela anistia – em muitos casos, um trabalho de anos –, entenderam que a promulgação da lei representou, sublinhado o contexto do período e admitido que se engendrava nos limites do possível, uma vitória para os perseguidos políticos. De um lado, a crítica; do outro, a conciliação que, a seu modo, não deixa de conter um elemento crítico, embora sob perspectiva muito distante daquela do primeiro grupo. Tanto quanto uma controvérsia ideológica, essa é uma controvérsia que põe em jogo memórias alternativas – a um só tempo, a

memória de cada sujeito, uma vez que cada um constituirá sua opinião sobre o tema, e a memória de um processo essencialmente coletivo.

Nessa fina tessitura de afinidades e divergências, alguns casos ganharam, naturalmente, mais proeminência que outros. Entre os mais conhecidos, está o de Fernando Gabeira, personagem que se tornou um dos sujeitos mais emblemáticos da abertura política, pela rápida notoriedade que adquiriu no momento imediato após a proclamação da anistia, pelo modo como se transformou numa figura pública, nacionalmente conhecida, e em razão de sua trajetória peculiar. Mineiro de Juiz de Fora, trabalhava como jornalista no *Jornal do Brasil* à época do golpe de 1964. Tendo optado por unir-se aos grupos de resistência contra a ditadura, tomou parte na clandestinidade e na luta armada, eventualmente participando do conhecido sequestro do embaixador dos Estados Unidos acreditado ao Brasil, Charles Elbrick. Mais tarde, preso e torturado, Gabeira conseguiu escapar graças ao sequestro de outro embaixador, o alemão Ehrenfried von Holleben, cujo resgate serviu para conduzi-lo ao exílio, ao lado de outros companheiros. Após cerca de nove anos vividos no exterior, Gabeira retornou ao Brasil quando da promulgação da anistia e rapidamente alçou-se ao estatuto de personalidade pública, graças ao fenômeno editorial de seu primeiro livro de memórias, “O Que É Isso, Companheiro?”. Participou de debates políticos e foi tema de considerável cobertura na grande mídia logo nos primeiros anos após seu retorno, o que o auxiliou a divulgar novas tendências de seu pensamento que, em muitos sentidos, renegava algumas das ações que desempenhara no passado, e que foram as razões pelas quais veio a se tornar uma celebridade. Após a redemocratização, candidatou-se a cargos políticos então pelo recém-fundado Partido Verde – nova força que surge na época da reordenação política em torno da Assembleia Constituinte –, tendo concorrido ao governo do Rio de Janeiro em 1986 e à presidência da república em 1989, vindo a se tornar deputado federal em 1994. Reelegeu-se e cumpriu mandatos até os anos 2000, publicou dezenas de outros livros e, mais recentemente, tem se ocupado de um programa televisivo.

Que aspectos consoantes à figura de Fernando Gabeira, no que diz respeito à memória da luta contra a ditadura, provocaram polêmica à época da abertura política? Entrelaçada à sua galopante popularização no início da década de 80, ao mesmo tempo em que provocava acaloradas apologias e ataques, o fator que pareceu mais impressionar a opinião pública foi a aparente mudança de valores presente no discurso de Gabeira, se comparado ao que se conhecia de sua experiência política nos anos 60.

Cerca de uma década após ter tomado parte em ações de guerrilha urbana, retornou pregando uma revisão do passado. No momento em que as principais forças políticas do país articulavam-se para remontar o tabuleiro da democracia, Gabeira pareceu priorizar temas diversos que se referiam a um novo estilo de vida, como sexualidade, ecologia e alimentação. Ao mesmo tempo, o reconhecimento público em relação a seu passado não cessou de crescer, o que contribuiu para consolidá-lo como uma das mais célebres personas do movimento de resistência contra a ditadura. Para muitos militantes, isso ocasionou uma espécie de distorção da memória coletiva da luta contra a ditadura, já que o discurso de Gabeira, de certo modo, alcançou um grau de projeção muito mais abrangente que qualquer outro perseguido político do mesmo período.

A crítica a essa considerada hegemonia pode ser percebida mesmo em falas que não o citam diretamente, mas fazem referência a seu discurso, como no capítulo 10 do importante trabalho de Greco (2003, s/n) sobre a luta pela anistia:

Trata-se do projeto alternativo abraçado por uma parte sobretudo dos *retornados*, voltado para o discurso do corpo e do prazer e para o esoterismo, o orientalismo e outras excentricidades semelhantes. Tal projeto indica que não se pretende mais transgredir ou contestar o que quer que seja; o seu registro é o da postura *zen*, de um lado e do *alegre desbunde* e da mais braba concessão aos ares do tempo, de outro – leia-se diluição, superficialidade, mundanismo e, principalmente, despolitização, de consumo muito fácil –, o que é recebido ruidosamente pela mídia, com alegria, alívio e, algumas vezes, com picardia.

A autora situa a manifestação que descreve como integrante do processo de “memória da conciliação”, tal como foi caracterizado por Daniel Aarão Reis em diversas obras. Conforme a perspectiva do autor, tal memória resgata os eventos do passado imprimindo-lhes leveza, suavizando a brutalidade vivida no período ditatorial e fazendo concessões ao posicionamento que se tomara na época (REIS, 2010). Essa questão ganhou tamanha importância para Reis, que o compeliu a organizar, em companhia de outros autores, um livro que compila entrevistas e textos críticos à popularização da memória da conciliação, ao final da década de 90 (REIS *et al*, 1997). É possível perceber que a obra, sobretudo, reage mobilizada por um mal-estar que a adaptação cinematográfica de “O Que É Isso, Companheiro?”, assinada por Bruno Barreto, causou ao entrar em cartaz em 1997. O filme tomou uma série de liberdades de expressão, tanto em relação ao texto que lhe deu origem quanto em relação aos fatos da realidade retratados em cena. A ética da ficcionalização é questionada, uma vez que o

filme apresenta-se como inspirado em fatos verídicos, embora tenha investido em uma representação narrativa que mescla ficção e realidade, de acordo com a conveniência para o melhor desenvolvimento do roteiro.

É importante também frisar qual o lugar de fala de autores como Heloísa Greco e Daniel Aarão Reis: a um só tempo, são historiadores e sujeitos que viveram o período da ditadura – e que, portanto, valem-se também de suas memórias pessoais para sustentar seu ofício. Heloísa é filha de Helena Greco, uma das mais conhecidas ativistas políticas contra a ditadura, e Reis participou ativamente do processo de resistência, tendo sido membro da mesma organização revolucionária que sequestrou o embaixador Elbrick – a Dissidência da Guanabara –, da qual Fernando Gabeira fazia parte. É um lugar bastante peculiar. No livro “Versões e Ficções”, por exemplo, publicado com o intuito de se contrapor à memória da conciliação expressa no filme de Barreto, Reis comparece tanto como entrevistado quanto na qualidade de autor. Em entrevista, lança mão de sua experiência como guerrilheiro para refutar e esclarecer pontos que julgou terem sido narrados inapropriadamente pelo filme. Nos artigos que assina, contribui da perspectiva de um historiador, cujo objeto de estudo consiste em os próprios eventos dos quais tomou parte. Assim sendo, o autor estabelece duplo vínculo com a discussão – seria difícil discriminar exatamente em que relações de ideias prevalece uma ou a outra ligação. Da mesma forma, tomar o relato memorialista de Gabeira considerando qual o seu lugar de fala também parece estratégia fundamental para lê-lo enquanto fonte histórica.

Em virtude do exposto, me senti convidado a enveredar por essa teia de discursos para propor uma questão de pesquisa. Inicialmente, o propósito consistira em investigar três registros distintos: a trilogia que Fernando Gabeira publica em seu retorno ao Brasil – que, além do livro já citado, compreende “O Crepúsculo do Macho” e “Entradas e Bandeiras”; o discurso que se contrapõe a esse, apresentando-se como francamente crítico da memória da conciliação, e que interpõe historiadores, memorialistas, ou ambos, em que Daniel Aarão Reis, e especialmente “Versões e Ficções”, despontam como representantes emblemáticos; e, por fim, o discurso produzido pela mídia, à época do retorno de Gabeira ao Brasil, por julgá-lo mediação fundamental para compreender a relação entre o texto de Gabeira e sua recepção na esfera pública. De modo a averiguar se se confirmaria uma “disputa por memória”, o norte da interrogação consistiria no contraste entre todos esses discursos e na procura por divergências e convergências em seu entrecruzamento.

Ao longo do percurso, foi percebido que uma pesquisa de tal envergadura demandaria mais fôlego e que o enquadramento de tempo demanda uma redução dos objetivos da pesquisa, mas que uma contribuição importante ainda pode ser oferecida ao tema. Opto, então, por deixar a ambiciosa discussão acerca de disputa por memória como pano de fundo, e concentro-me na obra de Gabeira, além de lançar mão de algumas fontes midiáticas, que permitem ainda ter em vista parte do impacto que essa obra ocasionou no período inicial da abertura política brasileira. Este trabalho, portanto, efetiva-se a partir do estudo de dois elementos relevantes que podem servir como contribuição ao escopo maior: uma análise da formação política de Fernando Gabeira, tal como narrada em sua trilogia do retorno, e uma observação de efeitos do exílio e do retorno ao Brasil, os quais influirão nessa mesma formação.

O referencial conceitual que ajuda a desenvolver a abrangente ideia de formação política é buscado no conceito clássico de *Bildung*, oriundo do Esclarecimento alemão, na noção de socialização política ofertada pela Ciência Política, e inspirada pela reflexão ética e política de Sartre. Procuo encontrar subsídios empíricos para apoiar a ideia de formação política de Fernando Gabeira em sua trilogia do retorno. Embora “O Que É Isso, Companheiro?” tenha se tornado extensivamente mais conhecido que os demais livros, é possível visualizar uma unidade narrativa no todo composto pelas três obras. Ainda que segmentadas cronologicamente de modo simples pelo autor, todas discorrem sobre a mesma temática – os conflitos de ordem pessoal alçados a partir de sua experiência política até 1980. Em “O Que É Isso, Companheiro?”, Gabeira narra sua trajetória política da infância até a prisão em 1970, que culmina com a libertação em troca do resgate do embaixador von Holleben e a viagem rumo ao exílio. “O Crepúsculo do Macho”, em essência, cobre o decurso do tempo em que viveu exilado, até 1979. “Entradas e Bandeiras”, por sua vez, discorre sobre a experiência do retorno ao Brasil, graças à proclamação da anistia, especialmente na turnê nacional do autor para a divulgação de “O Que É Isso, Companheiro?”, apresentando um fecho para o ciclo, no início de 1981.

Os efeitos do exílio e do retorno, e a emergência de sua representação na esfera pública, são acompanhados a partir de consulta a dois veículos da imprensa – o jornal “O Pasquim” e a revista “Veja”. De “O Pasquim”, concentrei-me na extensa entrevista realizada em 1978, conduzida por Ziraldo, que foi mais tarde publicada em formato de livro em “Carta pela Anistia / A Entrevista do Pasquim / Conversação sobre 1968”. A mesma apresenta um panorama de amplitude semelhante à dos dois primeiros livros

publicados por Gabeira, enfocando, contudo, em sua leitura a respeito do momento político que o Brasil vivia à época. De “Veja”, foram consultadas dezenas de exemplares, a partir de seu acervo digital, com delimitação de tempo estipulada, quase exclusivamente, no curso de um ano entre agosto de 1979 e julho de 1980. Os artigos encontrados desdobram-se em conteúdo variado, que inclui reportagens sobre a anistia, reportagens específicas sobre Fernando Gabeira, reportagens sobre temáticas diversas e que o relacionam de alguma forma, e um texto escrito pelo autor especialmente para publicação no periódico. Desenvolvi uma breve leitura a respeito do que o material informa sobre a percepção pública de Fernando Gabeira e busquei cruzá-la com elementos encontrados na própria trilogia do autor, os quais coabitam universo em comum.

## 1. O Itinerário do Pensamento de um Anistiado – Fernando Gabeira e sua Formação Política

### 1.1 A Trilogia do Retorno (1979-1981)

Assim que retorna ao Brasil, em agosto de 1979, Fernando Gabeira publica “O Que É Isso, Companheiro?”<sup>1</sup>, relato memorialista que compreende o período de sua militância política no Brasil desde um momento anterior ao golpe de 1964 até sua partida para um exílio de quase uma década, em 1970. O livro tornou-se um best-seller com mais de 300 mil cópias vendidas (COMPANHIA DAS LETRAS, s/d), projetando visibilidade à trajetória do jornalista do *Jornal do Brasil* que pegara em armas à época do recrudescimento da ditadura, no final da década anterior. Mais tarde, uma adaptação cinematográfica conferiu-lhe ainda mais notoriedade e, ainda no presente, “O Que É Isso, Companheiro?” é referenciado como uma das obras de literatura mais afinadas com o contexto de revisão ocasionado pela anistia. A abertura lenta e gradual de 1979, já anunciada desde o governo Geisel, acolheria o regresso de uma série de figuras públicas exiladas. Algumas delas voltariam visivelmente modificadas em relação à memória que delas se conservara. Seria o caso de Fernando Gabeira, celeberrimamente identificado com o “arquetipo” do revolucionário que retorna repleto de novas ideias, aparentemente muito distantes daquelas que o militante representado em seu livro parecia ter e, logo, muito distantes da noção que se construía a respeito de seus ideais de juventude.

É preciso, no entanto, não perder de vista que “O Que É Isso, Companheiro?” e sua repercussão imediata apenas representam, se tomados isoladamente, um breve – ainda que fervilhante – período do registro do retorno de Gabeira ao Brasil. Ter isso em mente é importante por admitir tanto qual o alcance de uma possível análise desta obra quanto quais são seus limites. Se, por outro lado, estendermos a envergadura de nosso olhar, perceberemos que a produção bibliográfica de Fernando Gabeira foi bastante prolífica, pois em 1980 e 1981, ele publica respectivamente “O Crepúsculo do Macho”<sup>2</sup> e “Entradas e Bandeiras”<sup>3</sup>. O conjunto das três obras é qualificado por Waizbort (2014) de “trilogia do retorno” e, efetivamente, o que se encontra no percurso completo dos três

---

<sup>1</sup> GABEIRA, Fernando. **O Que É Isso, Companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>2</sup> GABEIRA, Fernando. **O Crepúsculo do Macho**: São Paulo: CODECRI, 1980.

<sup>3</sup> GABEIRA, Fernando. **Entradas e Bandeiras**. São Paulo: CODECRI, 1981.



livros é uma narrativa contínua e coerente; senão necessariamente linear, sem dúvidas, interdependente, pois a totalidade do discurso de um livro se presta para complementar a dos outros, construindo, assim, uma tríade unitária.

“O Que É Isso, Companheiro?”, escrito na estadia sueca durante o exílio, ainda antes do retorno proporcionado pela anistia, apresenta as situações que levaram o autor a deixar o Brasil. O livro é pautado por um caráter de revisão, no sentido de que Gabeira se propõe a narrar seu envolvimento com a militância contra a ditadura até sua partida do país em 1970, mediante um tom que entrevê algum distanciamento em relação àquela experiência. “O Crepúsculo do Macho”, concluído logo nos primeiros meses após o retorno de Gabeira em 1979, narra suas vivências durante o exílio, desde a chegada à Argélia em 1970, passando pelas diversas mudanças de endereço ao longo de quase uma década, até os últimos dias em que habita a Suécia, logo antes de ter seu regresso viabilizado pela lei número 6683. “Entradas e Bandeiras”, por fim, entrementes a diversos *flashbacks* que recuperam para o leitor extratos do passado, conserva o caráter mais reflexivo dos três livros, pois, à medida que descreve a vida de Gabeira no Brasil entre 1979 e 1981, com acento sobre a turnê de divulgação de “O Que É Isso, Companheiro?” nos últimos meses de 79 e nos primeiros de 80, confere à narrativa um elemento mais intimista. Ao contrário dos livros anteriores, em que se ocupava mais com descrever o contexto das ações, neste Gabeira prioriza a reflexão suscitada a partir dos acontecimentos que descreve.

Uma vez destrinchadas as diversas peripécias da longa narrativa, o que se retém de capital como sentido da trilogia é a singularidade da trajetória política de Fernando Gabeira. As experiências relatadas são indissociáveis do ponto de vista que o autor imprime a elas, de forma que não é possível tomar qualquer descrição sem que se reconheça tanto sua implicação em relação ao fato quanto a leitura *ex post facto* que ele realiza daquele. O conteúdo da trilogia é imbricado ao contexto subjetivo em que Gabeira revela sua disposição política. Com isso, se entende que não há gratuidade em elementos como a descrição do funcionamento da organização política clandestina à qual se afiliara na época da ditadura; o modo como apresenta suas principais preocupações e temas de estudo em dado período; a forma com que interpreta certo comportamento de algum personagem, seja esse outrem ou ele próprio; a maneira como constrói as argumentações que permeiam o conteúdo descritivo dos episódios narrados.

O mote que permite entender a trilogia do retorno de Fernando Gabeira é a ideia de uma formação política que se constrói com o passar do tempo, pouco a pouco e de

forma complexa. Por vezes categórica, por vezes titubeante, eventualmente contraditória, frequentemente eclética, mas indiscutivelmente pessoal – o que não significa pressupor que ela seja desvinculada do arcabouço de interações sociais estabelecidas por Gabeira com pessoas, grupos, conceitos e experiências. Capaz de abarcar uma diversidade de matizes, sua formação política prende a atenção do leitor e convoca-o para uma reflexão aprofundada.

## 1.2 Formação Política

O conceito que nomeio de “formação política” pode assumir diferentes facetas, logo, requer algum esclarecimento. Refere-se a um processo de construção em que a dimensão política, enquanto alçada dos assuntos do público, toma corpo como experiência fundamental de todo ser humano. Enquanto um exercício contínuo, dinâmico e interminável, a formação política de um sujeito é construída ao longo de sua vida pela miríade de vivências que ele experimenta, constituindo, portanto, a um só tempo uma expressiva marca identitária e um caleidoscópio permeável, podendo, com a passagem do tempo, constantemente solidificar-se e/ou renovar-se.

Essa noção encontra eco num construto academicamente consolidado, embora não exclusivo para seu emprego: a saber, o processo denominado “*Bildung*”. A palavra tomada emprestada da língua alemã, que pode indicar noções como “construção”, “fundação” ou “cultura”, se presta como sinônimo também de “formação”, na acepção aqui enfocada. Trata-se, contudo, de uma ideia já consolidada no campo das Humanidades e que encontrou especial ressonância na área da Educação.

O conceito de “*Bildung*”, oriundo do Iluminismo germânico de Goethe e Humboldt, é pensado como formação de caráter, em sentido lato. Pressupõe o cultivo individual de uma educação que extrapola os limites institucionais, de modo a constituir o gênio ideológico e moral almejado. A cultura alemã do princípio do século XIX, inspirada pela efervescência de seu tempo, buscou em sua intelectualidade esse mote como propulsor de seu sistema educacional. Adiante, em diferentes graus, a ideia de *Bildung* veio a animar uma série de premissas pedagógicas e, ainda hoje, detém peso nas concepções humanistas relativas ao desenvolvimento do indivíduo (BRITTO, 2012; SUAREZ, 2005).

Partindo desse pressuposto, penso ser possível visualizar o percurso narrado por Fernando Gabeira em sua trilogia do retorno a partir dessa chave de leitura. Seu

itinerário político emana da experimentação de inúmeras vivências, bem como da ação da passagem do tempo. Seu ideário adensa-se, estende-se e ora modifica-se como uma formação – neste caso, especificamente política. Como fluxo, sua formação política alimenta-se de vários estímulos, rechaçando alguns, acolhendo alguns, e mesmo transformando outros, em processo que só pode ser bem compreendido com o auxílio da escala do tempo.

A ideia de formação política não é nova, todavia, se se busca fundamentação no estudo da própria Ciência Política. No conhecido Dicionário de Política organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, o processo que diz respeito à construção de valores, racionalizações e práticas que constituem a identidade política de um indivíduo é nomeado como “socialização política”. A “socialização política” é destacada enquanto

tendências, emoções, atitudes perante os vários objetos da política, aptidões cognitivas e expressivas necessárias ao agir político, tudo isto é, portanto, considerado como resultado de um processo de formação-aprendizagem social que, embora se estenda por todo o decurso da vida, tanto quanto qualquer outro processo similar, passa, todavia, por etapas especialmente significativas, influências particulares, momentos de aceleração e momentos de afrouxamento (OPPO, 1998, p.1202).

Não obstante, parece-me que a concepção de uma formação política favorece uma perspectiva mais apropriada ao movimento observado nas obras de Gabeira que apenas a noção de “socialização política”. Sem prescindir dos mecanismos descritos pelo enquadramento da socialização política, como a qualidade de um processo de aprendizagem e as especificidades que tangem à construção de uma identidade *política*, a noção de formação política encontrará junto ao enquadramento de “*Bildung*” uma maleabilidade que melhor respeita as regras de seu dinamismo. Portanto, tomo a ideia de “formação política” como um construto que se alimenta das duas formulações anteriormente apresentadas, de modo a compreender como operam os caminhos da formação política correspondente à trajetória de Gabeira exposta em sua trilogia.

### 1.3 A Formação Política de Fernando Gabeira (1958-1981)

A gênese de sua formação política remonta ainda à infância em Juiz de Fora, num ambiente profundamente marcado pela polarização entre o Partido Trabalhista

Brasileiro (PTB) e a União Democrática Nacional (UDN), “esta aristocrática, com pavor de uma cultura mais popular. Recompôr a imagem do PTB era de alguma maneira não se identificar com a UDN, estabelecer uma ponte entre o passado e o presente”<sup>4</sup>. Nesse ambiente, surge uma simpatia em relação às reivindicações dos operários da indústria têxtil, que não apenas gostavam do PTB como, inclusive “alguns davam o nome de Getúlio aos seus filhos”<sup>5</sup>. Sintomaticamente, entretanto, a primeira anedota narrada, ainda situada nos anos do governo Kubitschek revela uma atmosfera de ambiguidade que o Gabeira do exílio demonstrava ao narrar o princípio de seu próprio envolvimento com a política. Enquanto em 1958, ele, aos dezessete anos, participava de uma assembleia do operariado, na qual clamava por greve geral contra o aumento das anuidades e diante de hesitação do público, um desconhecido captou sua atenção e, não intencionalmente, ofereceu-lhe sua primeira lição no universo da política: “Do fundo da plateia (...) levantou-se um homem de cabelos brancos e fez um discurso sensacional. Disse que era pai, sentia na carne o drama das anuidades e que, em nome dos pais, apelava para que todos seguissem a palavra de ordem de greve. A plateia aplaudiu de uma forma tão entusiasmada que a greve acabou sendo aprovada por quase unanimidade”<sup>6</sup>. Anos mais tarde, ao reencontrar “o pai que virou a assembleia, o pai da nossa greve”<sup>7</sup> e perguntar por seus filhos, recebe como resposta: “... não sou pai de ninguém. Os pais que iam à assembleia ficaram doentes e o partido acabou determinando que eu fosse fazer o papel de pai”<sup>8</sup>. Econômico nos comentários, o Gabeira escritor demonstra com a historietta que o jovem Gabeira, iniciante no universo da política, tinha ainda muito a aprender.

Os degraus seguintes rapidamente o posicionam como jornalista residente do Rio de Janeiro, sentindo-se contrariado pela posição que ocupava: ao mesmo tempo em que era fortemente identificado com ideais de esquerda e disposto a lutar pela queda da ditadura civil-militar, trabalhava no *Jornal do Brasil*, colaborando assim, conforme sua própria avaliação, com um sistema que ele desejava derrubar. Os primeiros contatos com organizações vinculadas ao Partido Comunista animavam o rapaz com a excitação de sentir-se efetivamente implicado com uma práxis política, o que ganha acento muito mais expressivo a partir de 1968, enquanto o regime ditatorial encaminhava-se para um

---

<sup>4</sup> GABEIRA, 2012, p.24-25.

<sup>5</sup> Id, p.24.

<sup>6</sup> Id, p.26-27.

<sup>7</sup> Id, p.27

<sup>8</sup> Ibid.

grau inédito de radicalização, convocando, desta forma, os mais engajados para adotar a clandestinidade como metodologia. Sob tais condições se dá a filiação de Gabeira a um grupo organizado, que mais tarde assumiria o título de outra organização desbaratada (MR-8): “Era um grupo saído do Partido Comunista Brasileiro e se chamava Dissidência. Quase todo forjado nas manifestações do período, o grupo tinha grande respeito pelo trabalho de massas e além do mais tinha uma noção muito clara da limitação do movimento estudantil. Para ele, a força decisiva era a classe operária”<sup>9</sup>. O grupo é identificado como a Dissidência Universitária da Guanabara, organização que priorizava ação de massas ao longo do ano de 68, até vir a ceder ao paradigma do foquismo – a prática das guerras de guerrilha –, uma vez instituído o AI-5 e, portanto, impedidas outras alternativas de resistir organizadamente à ditadura. Estruturou-se, então, para ações de guerrilha urbana, empreendendo assaltos a agências bancárias, carro transportador de valor e até mesmo um bar (GORENDER, 1987). A mais célebre ação do grupo foi o sequestro do embaixador estadunidense acreditado ao Brasil, Charles Elbrick, em setembro de 1969, que produziu a libertação de quinze presos políticos e a leitura de manifesto do grupo, já com a alcunha de Movimento Revolucionário 8 de Outubro, em rede nacional. Como contraponto, entretanto, a ação repercutiu ocasionando ainda maior recrudescimento da repressão por parte do governo militar – em poucos meses, a maioria dos membros do grupo haviam sido capturados. Foi o caso de Gabeira, que, depois de preso, teve a oportunidade de exilar-se do país em 1970, graças ao sequestro do embaixador alemão Ehenfried von Holleben, promovido pelo grupo VPR. Gabeira vivenciou a tortura quando sob cativo; contudo, por ter sido atingido por uma bala na perseguição que resultou em sua captura, seu ingresso na prisão ocorreu singularmente, na condição de prisioneiro que necessitava de cuidados médicos. Seu corpo supliciado pela bala não foi poupado de longos interrogatórios, mas foi poupado de métodos de tortura muito mais engenhosos e cruciantes, dos quais foi testemunha.

Finalmente, a partida do Brasil não significaria uma interrupção na luta contra a ditadura, mas o início de uma nova etapa. Na realidade, sua percepção nem mesmo era de que o objetivo final seria auxiliar a reinstaurar um regime democrático no país – em vez disso, a meta era transformar o Brasil num país socialista, resultado que necessariamente requeria a derrubada dos militares como condição prévia. Em 1970, era

---

<sup>9</sup> Id., p.48

cabível admitir, graças à revolução consolidada em Cuba e à interminável resistência vietnamita frente aos Estados Unidos, que aquele projeto seria viável para o Brasil: “nos preparávamos para voltar ao Brasil um dia e realizarmos uma revolução, a partir de pequenos grupos armados, exatamente, ou pelo menos no mesmo estilo com que Fidel Castro realizara a sua (...)”<sup>10</sup>. Uma vez que os membros de grupos como o MR-8 se encontravam vinculados com organizações internacionais de esquerda, novas oportunidades se apresentavam, agora longe do Brasil.

Para Gabeira, o roteiro indicaria, após um período de aclimação na Argélia governada pela Frente de Libertação Nacional, um estágio de cerca de dois anos em Cuba. Na ilha, ele teria oportunidade de conhecer a fundo o sistema cubano, da política educacional às técnicas agrícolas, e, sobretudo, acesso a um exaustivo treinamento militar. O contato com a realização mais acabada de um Estado comunista na América Latina parece desordenar o bloco homogêneo dos valores do militante, ainda que o autor não reconheça isso explicitamente. É possível chegar a essa conclusão graças à narrativa de dois episódios expressivos que ilustram como o exercício cubano da política desacomoda Fernando Gabeira. O autor introduz os acontecimentos com uma imagem marcante que denuncia a flutuação de sua observação: o operariado acompanha um discurso de Fidel Castro sem uniformidade. Gabeira percebe, com alguma perplexidade, quão distintos podem ser os regimes de atenção da aglomeração que comparecera para prestigiar seu líder. Imerso na multidão, ele atenta a dois grupos distintos de espectadores – aqueles que escutavam atentamente a fala de Castro e aqueles que mesclavam intermitentemente momentos de concentração com momentos de canto e dança ao fundo da praça, provocando ruído melódico subposto à letra do estadista: “Que diferença, pensava eu: aqui operários exemplares sorvendo cada palavra; lá no fundo, pessoas que possivelmente produziram num nível apenas razoável ainda se dão ao luxo de perder grandes trechos do pensamento de Fidel, absortas no canto e na dança”<sup>11</sup>. Os chamados “operários exemplares” eram aqueles trabalhadores contemplados com lugar de destaque no evento, fruto de participação expressiva na meta anual para extração de cana. Aos demais, coube o papel contrastante de “cigarra”, o qual, de toda forma, não foi desdenhado por Gabeira, que calculou: “Talvez fosse melhor assistir tudo de lá, do fundo da praça, para conhecer a realidade do trabalhador apenas em formação, daquele

---

<sup>10</sup> GABEIRA, 1980, p.53.

<sup>11</sup> Id., p.52

que ainda não conseguiu se transformar no homem novo”<sup>12</sup>. A consideração revela o tipo de impasse com o qual ele veria a si próprio envolvido cada vez mais.

Assim, em minha leitura, o caso do drama dos aviadores e a reflexão acerca do centralismo democrático servirão para acentuar a inflexão que começara a ser notada, sobretudo no que diz respeito ao relacionamento de Gabeira junto à organização política. O grupo chamado por Gabeira de “aviadores do Brasil” era composto por quatro jovens brasileiros, entre 18 e 25 anos, que, à época em que o autor os conheceu, já aguardavam há algum tempo – a espera se estenderia por meses – pela oportunidade de poder deixar Cuba. Em Cuba, buscavam também eles aperfeiçoar seus conhecimentos militares visando à luta armada. Porém, cometeram dois erros que os indispueram perante os cubanos e acabaram por sensibilizar os militantes do MR-8 asilados na ilha. Primeiro, sequestraram um avião no Brasil no dia 8 de outubro – como espécie de comemoração do aniversário de morte de Che Guevara. Fora dessa forma que se dera sua chegada à ilha, o que lhes acarretara fria recepção por parte dos anfitriões, para os quais o sequestro de aviões era tática nada aconselhável, já que tornava-os mais vulneráveis ao perigo de espões, inclusive. O outro revés desavisado, ainda que bem-intencionado, fora o projeto dos quatro jovens para construir uma estátua em homenagem a Trotsky. Gabeira dedica bem menos linhas à descrição das desventuras dos “aviadores trotskistas” em Cuba que à análise das consequências de suas ações. Ele salienta que por mais prestativos e inocentes que os jovens demonstrassem ser, eram tratados com impaciência e descaso pelos cubanos, de modo que quando, enfim, tudo o que desejavam passara a ser uma passagem de retorno para casa, mesmo isso era negligenciado pela burocracia cubana, a qual se resumia a responder que a situação deles não era a prioridade do partido. Em face disso, o MR-8 veio a tomar as dores dos rapazes e assumir perante o partido a responsabilidade por eles, declarando serem integrantes de seu quadro. Ao mesmo tempo, assegurava aos aviadores que, uma vez fora de Cuba, eles estariam liberados de qualquer compromisso junto à organização. Fernando Gabeira pôde reencontrar-se com alguns deles mais tarde em pelo menos duas oportunidades: quando abrigado na embaixada argentina acreditada em Santiago em 1973 e enquanto vivia em Paris, em 1977. Tais reencontros serviram como pretexto para que ele próprio, pelos olhos dos antigos companheiros, e, por meio de suas trajetórias, pudesse rever seu próprio posicionamento: “Os cubanos já não eram mais os modelos

---

<sup>12</sup> Ibid.

revolucionários que o romantismo da época plasmou. Eram eficazes funcionários, cuidando dos negócios de Estado, incapazes de sorrir com uma aventura como a sua, ou mesmo de relativizar um desejo juvenil de erguer uma estátua a Trotsky. O poder e a luta pelo poder tornam as pessoas sérias e um pouco tristes”<sup>13</sup>.

Segue-se ao episódio dos aviadores uma extensa meditação a respeito do sistema chamado de “centralismo democrático”, um pouco como se ele servisse de chave para leitura do processo de desilusão com o método de ação cubano. O centralismo democrático consistia no método de tomada de decisões importantes no interior do organismo político: processos de votação por parte de pequenos grupos. O que a maioria determinasse devia ser acatado por todos. De acordo com Gabeira, por mais que a lógica explícita dos votos se apresentasse via racionalidade e pragmatismo políticos, “eram múltiplos os processos psicológicos que se entrecruzavam e permitiam a formação de maiorias”<sup>14</sup>. E o imperativo disciplinar, a obrigatoriedade em ter de assentir à determinação do centralismo democrático amedrontava-o, pois os mecanismos psicológicos a que faz referência podiam, por vezes, resultar de motivações as mais obscuras o possível. De modo a consolidar seu ponto de vista, o autor ilustra com um exemplo anedótico: o de um militante comunista de Belo Horizonte que fora capaz de convencer o grupo de que fazia parte a adotar uma técnica para aprimorar a coragem de cada um – e o fez por meio do centralismo democrático. A proposta do jovem, aprovada por maioria, era de que os membros do grupo deveriam saltar de paraquedas de um teco-teco, pois isso fortificaria a coragem de que cada um devia dispor, uma vez que se propunham a combater uma guerra sem data de expiração prevista. Extremo, o episódio leva o autor a questionar o grau de rigidez com que práticas como a do centralismo democrático eram cultivadas, indagando-se eventualmente: “Como é que se arranjam numa pessoa as ideias de esquerda e uma estrutura emocional de direita?”<sup>15</sup>. O questionamento posiciona o que Gabeira conceberia como meios e fins distintos, partindo do pressuposto de que os fins a que o centralismo visava seriam virtuosos, mas que o meio empregado para alcançá-lo envolveria métodos que desviariam o propósito de sua meta. Porém, mais que isso: ao posicionar “ideias de esquerda” contrastando com “uma estrutura emocional de direita”, Gabeira realça o teor sensível, a percepção psicológica do *habitat* em que floresceriam as decisões políticas tomadas pelos grupos.

---

<sup>13</sup> Id., p.67.

<sup>14</sup> Id., p.82

<sup>15</sup> Id., p.83



Um impasse como esse é emblemático, pois expressa com exatidão a afinidade eletiva processada pelo autor entre ideais de esquerda e de direita por um lado, e inteligibilidade objetiva e subjetiva por outro.

Gabeira explicita o que quer dizer com isso ao ilustrar o impasse em que se viam ele e sua companheira em Cuba – dependendo de um voto de confiança do centralismo democrático para que não precisassem se separar, muito embora ele acreditasse que outros fatores estavam envolvidos na decisão que seus colegas tomariam. Acreditava que um deles tivesse interesse na moça e, em razão disso, o objetivo de seu voto, antes de pensar no que fosse melhor para a organização política, seria separar o casal. E, no entanto, esse seria um raciocínio que ele não poderia expor perante o grupo, pois eles próprios saberiam, então, que sua prioridade máxima também não era o interesse coletivo. Curiosamente, algum tempo mais tarde, o próprio Fernando Gabeira viria a tomar decisões cuja orientação política era, sobretudo, de teor afetivo.

A essa altura dos acontecimentos, Fernando Gabeira já passara por uma série de experiências, incluindo um período vivido na Alemanha, dedicado especialmente ao estudo de Karl Marx, e pontuado pela convivência com estudantes de tendências de difícil conciliação – a trotskista e a maoísta. Também tivera a oportunidade de acompanhar *in loco*, por alguns meses, a efervescência do momento político chileno, das mudanças introduzidas pela Unidade Popular de Allende ao golpe militar de 11 de setembro de 1973, que forçou Gabeira a uma improvável residência asilada na embaixada argentina acreditada em Santiago, por mais alguns meses. Em 1974, durante um debate de asilados brasileiros em Paris, Gabeira tem a oportunidade de rever um dos aviadores trotskistas que conhecera em Cuba. No reencontro, o amigo lamenta a “guinada para a direita” que o pensamento de Gabeira apresentara, em relação aos objetivos que ambos tinham em comum no início da década.

A chamada “guinada para a direita” era observada a partir de um contexto bastante diverso, pois os anos de 1974 e 75 apresentaram cartas novas sobre a mesa. No primeiro quadrimestre do ano de 74, Gabeira participa de audiência nas sessões de Roma da IIª edição do Tribunal Bertrand Russell para crimes de guerra, cujo enquadre tratava das ditaduras na América Latina (LOUVRIER, 2006). No Tribunal, teve a oportunidade de relatar sua experiência como cativo do Estado brasileiro, incluindo a tortura que sofreu na ocasião. No segundo semestre, os debates em torno das eleições brasileiras para o legislativo tomam corpo no país e fora dele, já que, após Ernesto Geisel ter sido eleito em janeiro e ter anunciado o início da abertura em agosto, seriam

as primeiras eleições com autorização de propaganda livre. No ano seguinte, a formação dos primeiros Comitês Brasileiros pela Anistia embalaria o movimento de demanda pela concretização da abertura política prometida por Geisel (SOUSA, 2011). Assim sendo, grande parte do debate entre os grupos de esquerda que discutiam as eleições girou em torno de que decisão programática adotar: dentre representantes mais enérgicos, o aviador amigo de Gabeira era alguém que advogava pelo voto nulo. Fora nesse contexto de discordância que o colega apontara a “guinada para a direita” de Fernando Gabeira. O coadjuvante ainda retornaria para provocá-lo, no ano seguinte, em passagem insigne por Portugal.

No verão europeu de 1975, o autor passa uma temporada dedicada a muita reflexão em pleno Portugal convulsivo, que atravessa a transição política originada com a derrubada do salazarismo, um ano antes. Ao anunciar ao amigo aviador que deixaria o país ao final do verão, Gabeira recebe como resposta: “Os intelectuais pequeno-burgueses sempre saltam nas horas decisivas”<sup>16</sup>. Menos que a crítica, contudo, o que parece mobilizar o escritor é a meditação que realiza a respeito do que lhe despertara o contato com os portugueses num país em franco processo de mudança. Inicialmente, hesitara realizar a viagem, por temer que lá ocorresse o mesmo tipo de desilusão que ele sofrera no Chile, quando o governo Allende dera um passo significativo na tentativa de revolucionar a sociedade com práticas socialistas e acabara, por fim, sendo sufocado pelas forças conservadoras. Alternativamente, o que lhe despertou a odisséia portuguesa foi uma avaliação de outra ordem. Gabeira acaba sendo incapaz de investir energia no processo luso, tampouco de identificar-se com a agenda daquele povo. Acaba, então, por chegar a conclusão singular, quando confrontado pela fala do companheiro: “... para mim seria muito difícil viver num país desses, ainda que fosse transformando estruturas político-sociais. Quando entrasse numa casa de fado e ouvisse aquela música; quando visse aquelas mulheres vestidas de negro curvadas pelo sofrimento, ia sentir claramente o que meu coração dizia. Eros não havia descoberto Portugal e sua ausência pesada se fazia sentir de ponta a ponta no país. Como explicar esse critério para o aviador?”<sup>17</sup>.

O novo critério, de difícil explicação, apresenta-se um pouco como a ponta de um iceberg no processo de compreensão da formação política do autor. Ele insinua a apresentação de um modo novo de enxergar os problemas sociais, o qual ele próprio

---

<sup>16</sup> GABEIRA, 1980, p.195

<sup>17</sup> Id., p.196-197.

parece ainda não compreender muito bem. Em sua explanação a respeito da relutância em identificar-se com a bandeira portuguesa, o que Gabeira é capaz de descrever com precisão vacilante é que: frustrara-se pela dificuldade em compreender os discursos políticos em razão do sotaque luso; demonstrara incompatibilidade estética com o gosto português pelo fado, ridicularizando a música típica sempre que possível; criticara a estrutura político-social do país, vendo uma esquerda fraca e uma desunião difícil de reconciliar entre trabalhadores urbanos e rurais; por fim, comparara o número de mulheres portuguesas incorporadas ao mercado de trabalho desfavoravelmente em relação ao Brasil. De toda forma, a reflexão sobre Portugal parece tratar-se de indício de uma transformação em curso no seu pensamento. Cabe lembrar que este volume de sua trilogia fora redigido ainda antes do regresso ao Brasil e, provavelmente, apenas a reflexão registrada em “Entradas e Bandeiras” alcança uma síntese mais bem acabada do que aqui estava em marcha. Ainda assim, o que já parece visível é que Gabeira trabalhava ora com um arcabouço de ideias diverso do anterior e possivelmente mais complexo, já que incorporava elementos novos sem descartar aquilo que já adquirira. Justamente por isso, o autor manifesta confusão e indaga a si próprio o que significaria agora lançar mão de “categorias eróticas” para compreender o mundo à sua volta e, com efeito, intervir no mesmo: “Ausência de Eros, tristeza dos fados. Quem me viu e quem me vê não entenderia nada. Há apenas alguns meses estava formulando um trabalho sobre a lógica do *Capital*. Viera a Lisboa cheio de anotações sobre a aliança operário-camponesa de um modo geral, e achava que tinha naquilo uma das chaves para explicar o processo português. De repente, começava a utilizar categorias sem nenhum rigor científico; deixava aflorar uma interpretação puramente emocional. O aviador não teria razão? Não se havia instalado uma ponta de decadência em mim? O justo naquele momento histórico não seria ficar em Portugal, ao lado de um povo sofrido, preparando um confronto que viria naquele outono, aprendendo a falar com o sotaque deles, intercalando expressões típicas em minhas frases e reduzindo minhas expectativas musicais e eróticas à disponibilidade do momento?”<sup>18</sup>. Por ora, a resolução que tomou foi que “justo”, ou não, não haveria sentido estender sua permanência naquele país, pois, diante do desconforto expresso, ficar seria o mesmo que “uma garantia de uma prática política distorcida”<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Id., p.197.

<sup>19</sup> Ibid.

Se é com dificuldade que Fernando Gabeira ensaia refletir sobre o processo revolucionário português empregando categorias eróticas, há outro tema que parece mais talhado para a tarefa e que começa, então, a emergir cada vez mais como fonte de preocupação do autor: a discussão que gira em torno de gênero, sexualidade e corpo. Embora viesse a ganhar mais proeminência na narrativa do autor nos anos vividos na Suécia em diante, ela já comparecera às suas reflexões durante os períodos vividos na Argélia e em Cuba. No primeiro estágio do exílio, surge o desconcerto diante da cultura islâmica, onde hábitos considerados os mais banais se tornaram motivo de estranhamento, como a necessidade de as mulheres permanecerem na cozinha enquanto os homens recebiam visitas em casa ou, motivo específico de maior desconforto para Gabeira, a recriminação quanto a manifestações públicas de afeto entre homens e mulheres. Então, ao partir do norte da África para o Caribe, Gabeira recebe como encomenda de suas amigas brasileiras *lingerie* e anticoncepcionais, pois os cubanos não priorizavam a fabricação, tampouco a importação daqueles medicamentos. Ingressa na ilha abarrotado de caixas de calcinhas e anticoncepcionais e, ao narrar o episódio, recorda-se de conversa que viera, mais tarde, a ter com um boliviano que se radicara na Bulgária, o qual lhe confirmara, dado que a Bulgária tampouco priorizava a comercialização de tais produtos, a importância da profilaxia contraceptiva na vida das mulheres residentes em um país socialista: “Ele ficou traumatizado com seus primeiros dias de vida sexual na Bulgária. Fez o amor com pessoas diferentes e sempre que estava quase gozando, sentia um baque no peito e se via empurrado rapidamente para o chão. Era uma forma de *coitus interruptus* na qual as mulheres pressentiam o gozo do parceiro e, meio assustadas meio determinadas, o empurravam com tanta força que ele costumava cair”<sup>20</sup>.

Naquelas ocasiões, Gabeira tentara promover leitura materialista das situações, observando, por exemplo, o estágio da inserção argelina no sistema capitalista ou a organização hierárquica da oferta que uma economia planificada destinaria a sua população. Contudo, à medida que avança seu raciocínio mediante as “categorias eróticas”, com as quais ainda soçobrava durante a temporada portuguesa, o autor passa a encontrar novas ferramentas para reflexão. De volta à Suécia, começa a estudar Antropologia na universidade e, nesse campo, parece encontrar algumas respostas que lhe parecem mais satisfatórias que aquelas que o marxismo tinha condições de lhe dar.

---

<sup>20</sup> Id., p.96.

Inicialmente, a preocupação com gênero e sexualidade recai principalmente numa tentativa de dar à mulher o protagonismo, então pouco visível, na narrativa do mundo contemporâneo que Fernando Gabeira busca empreender em sua obra jornalística. Assim, um de seus principais interesses, logo ao retornar ao Brasil, foi o tema do machismo conforme observado no caso do assassinato de Ângela Diniz (em 1976) e no primeiro julgamento de Doca Street (em 1979). Street, réu confesso, matou a então companheira, Diniz, foi a júri popular e recebeu a pena de dois anos de reclusão com sursis, pelo atenuante de legítima defesa da honra. Durante o julgamento, mulheres aglomeram-se em segmentos opostos – aquelas que reivindicavam uma condenação pesada e aquelas que clamavam por sua absolvição (BRUM, 2006). O caso foi tema de um dos primeiros trabalhos de mais fôlego de Fernando Gabeira, após o retorno do exílio – um artigo publicado em “O Pasquim”. Dali em diante tomaria cada vez mais corpo a agenda da discussão sobre questões de gênero, por parte do autor, ao ponto até mesmo de se tornar mais complexa do que apenas uma apologia ao feminismo.

Em primeiro lugar, a ampliação de seus horizontes já iniciara antes do retorno ao Brasil. Nos últimos anos passados na Suécia, ao dividir apartamento com dois amigos negros – um deles homossexual –, Gabeira manifesta cada vez mais interesse nas agendas políticas de grupos invisibilizados como aqueles dos quais eles faziam parte. Com efeito, repercutiu episódio em que o Comitê Brasileiro pela Anistia de Paris recusou a oferta de *Les Étoiles*, uma dupla de cantores negros que se apresentavam vestidos como mulheres, para realizar um concerto em prol da causa da anistia. O motivo da recusa foi a homossexualidade da dupla, o que causou grande controvérsia entre a comunidade de brasileiros exilados na Europa e acabou por servir de pretexto para um debate sobre homossexualidade no CBA. Convidado para participar do debate, Gabeira questionou a si próprio se comparecer ao evento valeria a pena, comparando-o ao julgamento de um professor que ensinara o Evolucionismo para uma turma de crianças, representado em um filme: “Não estaríamos repetindo para a esquerda de Neanderthal o julgamento de *O Vento Será Tua Herança?*”<sup>21</sup>. Acabou por ir ao debate, mas embora tenha julgado-o, ao final, uma boa oportunidade para um diálogo importante, o caso pareceu apresentar-se como mais um daqueles em que Gabeira se sentiu frustrado com os elementos mais conservadores da esquerda. O autor chegaria a um ponto em que veria estarem as demandas reclamadas por cada grupo em lados

---

<sup>21</sup> Id., p.233

opostos. Após o regresso do exílio, ao se deparar com as posições mais ortodoxas das esquerdas, sobretudo no que dizia respeito ao debate a respeito de sexualidade que Gabeira promovia, o autor percebe como equacionavam as dimensões da vida humana numa escala de prioridades: “De acordo com eles, primeiro era necessário construir uma base material sólida, através da revolução socialista. Depois então, é que viriam à tona questões como a sexualidade ou a fraternidade humanas. Antes de tudo, era preciso atender aos estômagos vazios; depois, atender às inquietações que surgiam nos confortáveis salões da classe média”<sup>22</sup>.

Ademais, é no retorno ao Brasil que ganha maior grau de concretude o compromisso político de Fernando Gabeira no qual operam as categorias eróticas que movem seu pensamento. Talvez o elemento que melhor realce esse desenvolvimento seja mais um dos controversos temas que passa a problematizar publicamente no Brasil: a discussão acerca da legalização da maconha. Advogando pela liberdade do corpo, Gabeira aproxima os temas aparentemente dissonantes. Argumenta que o processo de liberalização sexual iniciara timidamente, partindo da ligação entre sexo e saúde: o sexo teria uma função terapêutica, logo a repressão sexual implicava um malefício à saúde. À medida que a questão se punha amadurecida, ela se libertaria da necessidade de “pedir licença” ao discurso científico, para simplesmente marcar-se politicamente como um direito. Da mesma forma, Gabeira vislumbrava a trajetória da discussão sobre maconha: “Parecia-me muito defensivo falar apenas na legalização da maconha por causa dos seus aspectos terapêuticos, equilibrando os efeitos da quimioterapia anticâncer. Era no fundo um pedido de licença à medicina, uma tentativa de tornar respeitável sua utilização. No meu entender, o aspecto fundamental da defesa deveria se concentrar no direito de cada um de dispor de seu próprio corpo”<sup>23</sup>. Dessa forma, passa a localizar no corpo o alvo de suas preocupações políticas mais prementes – o corpo e seu direito ao sexo (seja mulher, homem, heterossexual ou homo), o corpo e seu direito de “remediar” a si próprio.

O passo seguinte será a bandeira da Ecologia, onde surge um arcabouço de novas ideias ressignificadas, partindo das relações entre cultura e natureza, progresso e desenvolvimento, sujeito e espaço. Sem dúvida, esse tema torna-se importante no processo de formação política de Fernando Gabeira – mas parece que levará algum tempo a mais para amadurecer, já que envolve, da forma como o concebe em “Entradas

---

<sup>22</sup> GABEIRA, 1981, p.156.

<sup>23</sup> Id., p.143.

e Bandeiras”, necessariamente o contraste das experiências que adquire após o retorno ao Brasil, habitando a cidade e habitando o campo. É, portanto, matéria em que caberá maior explanação mediante a discussão na qual se concentra o próximo capítulo.

#### 1.4 Trabalho, Filologia, Viagem e Tradução: caracterizações da Formação Política de Fernando Gabeira

After the war came the true experience, that of society.  
(SARTRE, O Itinerário de um Pensamento)

A partir das considerações prévias, visualiza-se uma forma plástica – tanto heurísticamente maleável quanto dotada de matizes formais – de conceber o processo de formação política de Fernando Gabeira. A compreensão desta, seja como fonte para ler a trajetória de um tipo ideal (no sentido weberiano) de intelectual que militou contra a ditadura civil-militar brasileira, seja do ponto de vista da recepção de seu discurso memorialista na esfera pública, parece fundamental para um posicionamento efetivamente crítico. Observar as flutuações e contradições de seus ideais e objetivos políticos, os avanços e recuos, as afinidades e dissonâncias, os critérios de verdade, suas permanências e mudanças, faz parte de um entendimento do processo.

Logo, parece-me ser instrumental recorrer a um modo de caracterização da formação política de Gabeira a partir do esquema formulado por Suarez (op. cit.), que busca nos diversos teóricos que influenciaram o conceito de *Bildung* variadas chaves de leitura para um entendimento de sua polissemia. No caso de Gabeira, esse quadro pode permitir, mesmo, uma visualização mais nítida de como sua formação pôde montar-se, ao longo do tempo, vindo a constituir o caleidoscópio percebido quando do retorno de seu exílio.

A primeira acepção da formação política é de que ela é, essencialmente, um *trabalho*. Quer dizer que pressupõe uma ação prática em sua constituição – não é meramente um momento estático, que absorve estímulos diferentes. Em vez disso, envolve a busca que se projeta para uma meta, alimentando-se dos adventos que encontra no itinerário rumo a essa meta e, se for o caso, incorporando-os. No processo de formação de Fernando Gabeira, isso parece corresponder ao movimento incessante de impulso voltado à concretização de uma práxis política. Esse impulso nasce, antes ainda do golpe de 1964, animado pela singularidade do momento político brasileiro

entre os anos 50 e 60, o qual, segundo estudos (FICO, 2000), parecia propiciar a aproximação do engajamento da sociedade civil. À medida que se instaura o regime militar, Gabeira aprofunda seu envolvimento com os grupos de esquerda, chegando a procurar, ativamente, não apenas promover a queda do governo ditatorial, como a instalação de um projeto socialista. Ao longo de diferentes estágios, é o esforço para instituir esse projeto que o move, da opção pela clandestinidade, passando pelo envolvimento com o MR-8 no sequestro do embaixador Elbrick e pela alternativa de dar seguimento a sua práxis quando no exílio. O movimento terá sequência com a temporada de treinamento em Cuba, com o aprofundamento de seus estudos e discussões junto a organizações de esquerda na Europa, assim como com o ensejo de se aproximar de experiências em diversos estágios de proposição revolucionária, no Chile e em Portugal.

Uma segunda caracterização é a acepção alegórica de *filologia*. Resgatando a raiz da palavra, “amor às letras”, Suarez (op.cit.) chama atenção para o seu sentido enquanto prática de erudição. O trabalho da filologia sustenta-se no cultivo de um estudo quase ascético com vistas à construção de um aparato de erudição sólido. A formação se alimentará de um rigor disciplinar semelhante, no sentido que complementa a noção de trabalho: sua constituição demandará extensivo exercício de reflexão, de modo que o aprendizado de ideia, ou possibilidade, venha a ser incorporado no arcabouço do pensamento político e, inclusive, na práxis. Mas também a formação implicará o que a filologia oferece como ferramenta heurística: uma plasticidade imaginativa, que permita ao seu sujeito ser, efetivamente, autor da própria formação, estabelecendo conexões entre ideais e práticas que lhe pareçam politicamente relevantes, dignos de engajamento. O processo da formação política de Fernando Gabeira parece fluir desse modo, normalmente perseverante e enérgico em relação às metas que estabelece para si, mas também aberto a dialogar com a diferença, constituindo, dessa forma, algo como um estado de tónus intelectual. Uma vez que a formação é um processo contínuo, cada momento abre a possibilidade para o autoexame e, potencialmente, a ratificação ou a ampliação de seus propósitos.

Ao longo desse itinerário, pode alterar-se a inclinação do trabalho, o que envolve ainda outra caracterização da formação política – a ideia de *viagem*. A noção de viagem está intimamente ligada à perspectiva da alteridade: a formação política como viagem seria a experiência de lançar “o mesmo” a um movimento que o torna “outro”: “Para tornar-se o que é, o viajante experimenta aquilo que ele não é, pelo menos,



aparentemente. Pois está subentendido que, no final desse processo, ele reencontra a si mesmo” (BERMAN citado por SUAREZ, id., p.194). O que a viagem possibilita, na realidade, é o distanciamento de um lugar inicial, para que por meio dessa experiência de alteridade, o sujeito possa formar-se e retornar ao lugar inicial, do qual não partiu completamente. Para Gabeira, o aprofundamento do contato com o outro – e, portanto, essa dimensão de sua formação – já começa bem antes do exílio, à medida que principiava seu processo de aprendizagem como “intelectual de esquerda” e, adiante, inclusive, como “guerrilheiro”. Esses, eventualmente, o levarão à condição de prisioneiro, certamente uma experiência significativa. Finalmente, a expatriação forçada que acarreta o exílio impõe-se como a materialização mais forte da ideia de viagem, pois tanto a impossibilidade de retornar ao Brasil quanto o intercâmbio cultural propiciam a imersão na alteridade. Desse modo, a formação política de Gabeira vai se formando na dialética que tensiona os pares eu-outro. Quando se defronta com o inesperado, seja a ortodoxia islâmica na Argélia, a organização institucional em Cuba, a desilusão com o golpe no Chile, o estilo de vida do imigrante latino-americano na Europa ocidental, ou os diversos relacionamentos que estabelece nas várias praças, tendo oportunidade de melhor conhecer pessoas oriundas de culturas diferentes, Gabeira trabalha em sua formação política.

A viagem faz com que seu ponto de vista original se altere, mas não permite que ele seja esquecido. Especialmente no retorno ao Brasil, fica mais clara essa perspectiva, já que Gabeira se depara com um novo tipo de alteridade: aquela que se refere ao si próprio do passado. Quando regressa e causa estranhamento pelas transformações que incorporou, Gabeira revê seu passado e procura extrair uma síntese dos diferentes momentos. Ativamente, a práxis política do autor é renovada e, no processo, há tanto mudança quanto consolidação. Eis que surge a noção de formação como *tradução*. A tradução pressupõe um movimento de ida e vinda. A busca de uma síntese adequada é seu objetivo máximo. Ela se presta como ferramenta de ligação entre o estranho e o familiar, favorecendo, portanto, um elo que originará um novo sentido. Na perspectiva da formação política de Gabeira, o que se torna mais visível é que ele jamais abandona a ideia de um projeto para o Brasil. Esse projeto modifica-se com o passar do tempo, à medida que sua formação disporá de novas características, bem como despojará outras. Graças à viagem, o trabalho enquanto tradução adquire menos o formato de “reconstituição” que o de “recriação”. Uma vez que a nação é a meta do engajamento do autor, a operação de rotação retira-o de sua origem e, ainda assim, restitui-o a ela.

O mapeamento da formação política de Fernando Gabeira, suas desventuras e vicissitudes, possibilita a abertura de questões complexas. Interessa pensar a própria formulação de um projeto, de modo a poder levantá-las. Em última instância, é o projeto o sentido de uma práxis política e, portanto, é ele que anima o movimento de uma formação política. Nos termos de Sartre (1960), as ideias de projeto – enquanto uma projeção utópica –, de engajamento e de autenticidade estão interligadas. A autenticidade representa a saída do estado de má-fé, permitindo a tomada ampla de consciência por parte de um sujeito político. O engajamento, expressão política do estado de autenticidade, envolve um movimento de transcendência (*dépassement*) para que o sujeito ascenda à consciência política que lhe permitirá uma relação de autenticidade com sua realidade social. É a transcendência que viabiliza ao sujeito projetar para o futuro aquilo que é possível e que é, no presente, objeto de falta. O projeto constituirá a positivação daquilo que é ainda somente possibilidade.

Essa reflexão vai, também, ao encontro da definição de intelectual oferecida pelo filósofo: potencialmente, um “amigo do povo”, cuja angústia individual pode ser colocada a serviço da sociedade, já que, em última instância, ela ecoa uma angústia que também preside o outro (SARTRE, 1970). Sua missão, portanto, espírito que conduz seu projeto, seria aprender a pôr o seu conhecimento a serviço das massas. No que se refere a Fernando Gabeira, fica claro que seu projeto diz respeito diretamente a seu discurso sobre o Brasil. Sua formação política, dos primeiros contatos com a política em diante, orienta-se para contribuir com a transformação julgada justa para o país. Por modificados que pareçam seus objetivos no início dos anos 80, após o retorno ocasionado pela anistia, é, ainda, esse o espírito que os move. No entanto, a partir de então, sem chance de escamotear a alteridade que o reencontro com a pátria possibilita, Gabeira também se verá de frente com um outro Brasil. Tanto o país estranha-o quanto ele o estranha de volta.

## 2. Da Utopia à Heterotopia: efeitos do exílio e efeitos do retorno

### 2.1 O Brasil Revê Gabeira: O Pasquim

Em 1978, quando em viagem à França, Fernando Gabeira concedeu uma entrevista a “O Pasquim” que representaria, para o autor, um ponto marcante em sua relação com o país de onde partira no início da década. Ao longo da entrevista, o autor discutiu os diversos momentos de sua trajetória política e manifestou um reexame de sua participação na luta armada e dos ideais que alimentara naquele passado. Por um lado, os temas que motivavam a curiosidade dos jornalistas – Ziraldo, Darcy Ribeiro, José Maria Rabelo, Geraldo Mayrink e Milton Temer – pareciam causar em Gabeira um sentimento de distanciamento: “Achei curioso que as pessoas se interessassem tanto por um período tão remoto. Depois dele já havia se passado quase dez anos de exílio e o golpe do Chile. Respondia às perguntas calmamente, mas tinha a sensação de que me referia a um filme e a algo que não havia acontecido comigo”<sup>24</sup>. Ao mesmo tempo, a entrevista lhe provocou uma sensação intensa, em relação à religação do autor à sua pátria: “Quando cheguei estava nesse ritmo, falando sem parar, falando alto e me comportando como se tivesse ido ao Brasil e recolhido toda a energia positiva para enfrentar o inverno que se anunciava. Macunaíma, Baby e Joseph foram informados da entrevista, mas talvez não pudessem avaliar bem o que significa voltar a existir no Brasil, voltar a se comunicar ainda que fosse sobre um período tão distante”<sup>25</sup>. Logo, por mais que se sentisse alienado do passado sobre o qual era indagado, Gabeira entendia que o fato de narrar seu percurso para outros brasileiros conferia um grau de concretude à possibilidade de retornar do exílio, o que fica claro especialmente quando recebe a notícia da publicação da entrevista, no quinze de novembro, dia das eleições parlamentares no Brasil.

A entrevista a “O Pasquim” viria a ser publicada, ainda, em formato de livro, no ano seguinte, tendo causado repercussão relativamente grande e, de certa forma, estimulado o interesse do público antes mesmo do regresso de Gabeira e da publicação de “O Que É Isso, Companheiro?” (WAIZBORT, op.cit.). E o autor tinha plena consciência de que a publicação causaria forte impressão entre seus conterrâneos: “A entrevista falava de coisas proibidas: a experiência da guerrilha urbana, o sequestro do

---

<sup>24</sup> GABEIRA, 1980, p.226.

<sup>25</sup> Id., p.227.

embaixador americano, a organização da tortura na cadeira, tudo já com a perspectiva de quem fizera uma autocrítica a respeito do assunto. Seria uma bomba em caso de publicação e, certamente, o governo faria apreender o número do jornal em apenas algumas horas”<sup>26</sup>.

Tendo o episódio do sequestro do embaixador Elbrick como fio condutor, Gabeira tem a oportunidade de fazer um balanço político das ações realizadas pelos grupos de resistência à ditadura, em comparação com a leitura que fazia do seu momento presente. Em seu raciocínio, parece correto realizar uma autocrítica naquele momento, em 1978, pois somente naquele momento ele havia ganhado um distanciamento que o permitisse aferir com precisão o significado da luta armada. Naquele presente, ele encontrara instrumentos de que não dispunha à época do sequestro, mesmo para avaliar se ele se constituiria ferramenta eficaz de luta contra a ditadura: “O fato de termos cometido erros não significa a absolvição de outras posições, que também cometeram seus erros. Se houvesse uma posição correta em contraposição à nossa era justo que tivesse crescido e se transformado numa imensa organização mas não houve isso. (...) Agora é que se está encontrando novos caminhos, ninguém naquele período achou o caminho certo, o que significava então pelo menos não deixar que a guerrilha se reduzisse a um vazio político”<sup>27</sup>. Otimista em relação ao futuro e hesitante em relação ao passado, Gabeira reconhece a validade das ações – que considerava, para um Brasil de 1978, já “totalmente ultrapassadas” – como suporte para que, naquele momento, algum tipo de resistência contra a ditadura se estruturasse, da forma como fosse possível. Um dos efeitos disso seria, em sua avaliação, o resultado das eleições de 1974, em que percebera o avanço da oposição e a expressão do repúdio do povo contra a ditadura. No entanto, a fala que parece marcar maior inflexão em relação ao seu posicionamento prévio é aquela em que discute que método lhe parece mais adequado para que o Brasil viesse a se tornar o país que seu povo gostaria que fosse: “A luta concreta que existe hoje no Brasil te mostra quais são os caminhos. Hoje não somos nós que estamos ensinando as pessoas mas elas é que estão nos ensinando. Essa história da gente dirigir o Brasil acabou. A gente não é mais político de dar as luzes pro país e sim de interpretar seus melhores sentimentos para que tenham alguma consequência (sic). Antigamente a gente achava que ia fazer programas de revolução, que ia inventar caminhos, hoje a gente se contenta em interpretar um pouco melhor a

---

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> GABEIRA, 1979, p.56.

luta concreta que existe”<sup>28</sup>. Questionado por Ziraldo se o uso do verbo “contentar-se” não significaria reduzir a esperança, Gabeira esclarece o que havia mudado nos últimos dez anos e em qual luta acreditava, naquele momento: “A Humanidade não caminhou da forma que eu esperava com meus sonhos violentos e o quadro que ela apresenta hoje é distinto das minhas expectativas. Há um abismo entre o que a nossa geração de 68 esperou e o que a realidade é de fato. (...) [Isso pode ser feito] dizendo não à luta concreta e sim à luta fantástica. A gente tem que compreender que esse é o mundo que nós temos, é o século que nos deram, e é nele que temos que fazer alguma coisa”<sup>29</sup>.

## 2.2 O Brasil Revê Gabeira: Veja

Se o diálogo de Fernando Gabeira com os jornalistas causaria tremenda repercussão entre os leitores de “O Pasquim”, maior, e ainda mais diversificada, seria a notoriedade ocasionada pelo seu retorno ao país. Pois, no terceiro trimestre de 1979, uma vez promulgada a lei de anistia pelo presidente Figueiredo, a volta dos exilados tornou mais nítida a abertura política. No caso de Gabeira, ao pronunciar-se publicamente a respeito de suas ideias e práticas tanto referentes ao passado quanto ao então presente, uma gama de assuntos viria a ocupar posição de foco.

Um bom instrumento de aferição da afluência de que o autor passa a gozar na esfera pública é o registro de publicações da revista “Veja”, da editora Abril. No curso de um ano, entre agosto de 1979 e julho de 1980, a publicação cita a figura de Gabeira, ora *en passant*, ora com reconhecível destaque em cerca de vinte artigos distintos, distribuídos ao longo de quinze edições. Os mais proeminentes entre eles foram, certamente, “As aves aqui gorjeiam”<sup>30</sup>, que discute a proliferação das obras de retornados do exílio, incluindo, entre as de maior destaque, “O Que É Isso Companheiro”; “O político do prazer”<sup>31</sup>, extensiva reportagem de perfil de Fernando Gabeira; “Os notáveis da década”<sup>32</sup>, em que o autor comparece à lista de personalidades ilustres durante os anos 70, conforme o periódico; e “Bye Bye, Brasil”<sup>33</sup>, texto de autoria do próprio Fernando Gabeira, no qual ele explica as razões de sua partida somente quatro meses após o retorno do exílio. Entre as demais menções a Gabeira,

<sup>28</sup> Id., p.61.

<sup>29</sup> Id., p.61-62.

<sup>30</sup> VEJA. As Aves Aqui Gorjeiam. Veja, p.76-80, n.580, 17 out 1979.

<sup>31</sup> SÁ CORRÊA, Marcos. O Político do Prazer. Veja, p.122-125, n.585, 21 nov 1979.

<sup>32</sup> VEJA. As Estrelas da Década. Veja, p.185-196, n.590, 26 dez 1979.

<sup>33</sup> GABEIRA, Fernando. Bye, Bye, Brasil. Veja, p.98, n.597, 13 fev 1980.

estão artigos cujos assuntos desenvolvem-se em veredas as mais distintas possíveis, como disputas culturais, política, moda, sexualidade, alimentação e astrologia.

Em setembro de 79, o nome de Gabeira já é citado como, entre os anistiados, um dos mais conhecidos participantes do sequestro do embaixador Elbrick<sup>34</sup>. Em outubro, a produção cultural dos anistiados é evocada pelo potencial intelectual das obras geradas no exílio. Tanto os nacionais que eram recebidos de volta no final do inverno daquele ano, quanto alguns que haviam tido oportunidade de retornar antes da anistia comparecem ao panteão. Sua produção é cantada como expressiva do espírito do tempo. O recém-publicado “O Que É Isso, Companheiro?” é designado dessa forma, ao lado da prosa de Arthur José Poerner; da poesia de Ferreira Gullar; da música de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque e Geraldo Vandré; do teatro de Augusto Boal e José Celso Martinez; do cinema de Glauber Rocha; do pensamento econômico de Celso Furtado; das práticas profissionais de Paulo Freire e Maurício Martins de Mello, entre outros. E mais que isso: ao livro de Gabeira é conferido um relevante emblema de síntese, ainda que mediante tamanha variedade criativa. Animada por um tom mais autoirônico do que melancólico, a perspectiva da obra é contemplada com o valor de “visão panorâmica” sobre o estado das coisas, conforme a apreciação: “O Brasil que toda essa gente está agora reencontrando está contido, em traços fortes, na narrativa de Fernando Gabeira, que coloca um *tchau* em 1970, quando sobrevoava a baía de Guanabara rumo à Argélia”<sup>35</sup>. O livro não tardaria a ingressar na lista de *best-sellers* publicada pela revista<sup>36</sup>.

Quando, em novembro, “O Que É Isso, Companheiro?” já se tornara um sucesso editorial, *Veja* realiza uma reportagem de quatro páginas em que o próprio perfil de Fernando Gabeira assume o protagonismo<sup>37</sup>. O texto enfatiza o mote da fotografia que se tornou célebre como símbolo do “verão da abertura”, em que Gabeira é clicado na praia de Ipanema trajando somente uma suposta “tanga de crochê” – na realidade, esclarece o autor, “nitidamente uma tanga de malha, dessas industriais que se tecem à máquina. Talvez achassem aquilo muito feminino e queriam enfatizar a suavidade da tanga”<sup>38</sup>. O registro do passeio ao litoral é descrito na reportagem como manifesto político, parte das novas ideias que o autor trouxera do exílio. Da mesma forma,

<sup>34</sup> PINHEIRO, Flávio; VERÍSSIMO, Suzana. O Grande Sequestro (*sic*). *Veja*, p.76-78, n.574, 5 set 1979.

<sup>35</sup> VEJA. As Aves Aqui Gorjeiam. *Veja*, p.80, n.580, 17 out 1979.

<sup>36</sup> VEJA. Os Mais Vendidos. *Veja*, p.98, n.581, 24 out 1979.

<sup>37</sup> SÁ CORRÊA, Marcos. O Político do Prazer. *Veja*, p. 122-125, n.585, 21 nov 1979.

<sup>38</sup> GABEIRA, 1981, p.87.

também são elevados a esse estatuto diversos dos hábitos então praticados pelo autor, como as aulas de dança no Instituto de Pesquisa Corporal de Klaus Vianna, os almoços no Restaurante Natural da rua Dezenove de Fevereiro, as encomendas por roupas sob medida para o alfaiate Luís de Freitas e, até mesmo, sua perspectiva de momento quanto a desenvolver uma atividade ocupacional: “Não tem emprego nem quer. Sustenta-se com 10 000 cruzeiros por mês escrevendo artigos para os nanicos *Pasquim* e *Leia Livros* enquanto espera os direitos autorais de ‘O Que É Isso, Companheiro?’”<sup>39</sup>. O artigo ainda dedica significativo espaço para dar voz às críticas de Gabeira em relação à esquerda e a Karl Marx, reforçando-as ao propor paralelos entre as vidas pessoais de Gabeira e de ambos os co-autores do *Manifesto Comunista*. Esses pontos são sintetizados com clareza na observação de Gabeira a respeito de um possível julgamento da História, a qual inclui bem-humorada auto-referência: “ ‘A noção de que a História, um dia, vai parar para julgar todos os nossos atos. Um júri de operários musculosos para cobrar: ‘Gabeira, olha tua tanga’.” A preparação para esse julgamento exige ascetismo agora e muita tristeza. ‘Pede-se, em nome do futuro, o sacrifício do presente.’ Ou, como disse em entrevista recente ao jornal ‘Lampião’, a esquerda quer que as pessoas esperem setenta anos, para ter um orgasmo quando a revolução triunfar”<sup>40</sup>. As críticas, então, dão espaço a dois elementos fundamentais em acordo com o pensamento do autor, e destacados pela matéria: a importância que dava ao feminismo, a qual ganhou bastante notoriedade, e outro aspecto talvez menos lembrado posteriormente – a ideia de felicidade. Ainda que em tom irônico, a reportagem não se furta em sublinhar qual parece ser, então, a nova bandeira advogada por Gabeira, a da felicidade: “(...) ele militava, a seu modo, num movimento de esquerda radical – a erradicação do machismo, tópico que, somado à luta pela emancipação da mulher, do negro, à defesa da ecologia, à arregimentação dos jovens, à mobilização dos homossexuais e à libertação de todas as classes, compõe seu programa de gozo da felicidade aqui e agora, na terra, enquanto o socialismo não vem”<sup>41</sup>. Nessa gama de elementos, identifica-se mais delineado o compromisso político de Fernando Gabeira: a defesa da felicidade. É tal plataforma que resume, na passagem entre décadas, o bem-sucedido escritor como um “político do prazer”, tal qual declara o título da reportagem.

---

<sup>39</sup> SÁ CORRÊA, op. cit., p.123.

<sup>40</sup> Id., p.124.

<sup>41</sup> Id, p.122.

Em dezembro do mesmo ano, Gabeira é contemplado com destaque como uma das “estrelas da década”, ao lado de figuras como Paul McCartney, Bjorn Borg, Jacqueline Onassis, Pelé, Muhammad Ali, Liza Minnelli, Marlon Brando, Simone, entre outros, recebendo a alcunha de “primeiro militante *gay* da esquerda brasileira”<sup>42</sup>. Curiosamente, apenas algumas semanas antes, a carta de um leitor que comentava a reportagem “O Político do Prazer” pareceu contrariar tal designação: “Estou com o Gabeira e não abro. E, quanto ao bissexualismo, acho que é e será a sexualidade dos anos 80, acabando com a ditadura do machismo, a marginalização do homossexualismo e a falta de consistência do feminismo”<sup>43</sup>. Na verdade, ainda que o episódio da tanga tenha servido para fomentar a discussão sobre gênero e sexualidade, sua realidade ainda parecia envolta em brumas. O fato de um homem público, identificado com Política, chamar a atenção para semelhante tabu despertou tanto a mídia quanto o público para um movimento de reflexão. No entanto, categorias como “feminismo”, “homossexualismo”, “bissexualismo”, “gay”, ao que pese ainda hoje não se caracterizarem por univocidade, pareciam ora misturar-se com pouca precisão de definição, ao menos na pragmática envolvendo senso comum e linguagem jornalística. Infere-se isso, sobretudo, em razão de Gabeira não se identificar expressamente como homossexual, ou mesmo bissexual, embora admitisse um grau mais expansivo de afetividade em relação a outras pessoas de seu sexo – possivelmente, razão suficiente para ser considerado ponto fora da curva. A isso, somava-se a constante evocação do feminismo como via alternativa de participação social da mulher na esfera pública. Em janeiro de 80, quando “O Que É Isso, Companheiro?” é lembrado como destaque literário do ano anterior, retorna o realce da política como teatro de ação daqueles atores, ainda que sob fórmula bastante econômica: “Gabeira conseguiu reduzir seu esquerdismo à moda e introduzir no Brasil a politização do homossexualismo”<sup>44</sup>.

Em fevereiro, Gabeira anuncia com circunstância, nas páginas de *Veja*, sua decisão de tornar a partir. Afirmando confiança no futuro e creditando movimentos feminino, ecológico, negro e gay com votos otimistas, ratifica a validade da experiência do retorno e, despreocupadamente, apenas esclarece que era hora de seguir viagem e que melhor poderia contribuir com o país ao deixá-lo, abrindo perspectiva para contar

---

<sup>42</sup> VEJA. As Estrelas da Década. *Veja*, p.186, n.590, 26 dez 1979.

<sup>43</sup> VEJA. Cartas. *Veja*, p.2, n.587, 5 dez 1979.

<sup>44</sup> MENEZES, Marco Antônio. As Boas Leituras. *Veja*, p.61, n.591, 2 jan 1980.



novas histórias de viagem no futuro; e despede-se de *Brasítaca*<sup>45</sup>. Na semana anterior, contudo, *Veja* antecipara sua partida, usando palavras do próprio Gabeira, nas quais ele aprofundava um pouco mais seus motivos: “Depois de ‘quatro meses muito felizes’ por aqui, o ex-exilado concluiu que sua volta ‘era uma mistificação’. (...) ‘Não existe volta quando não existe mais o lugar que deixei nem a pessoa que eu era’”<sup>46</sup>.

Apesar disso, a revista não esquece o autor, citando-o em reportagens sobre uma confraria naturalista e sobre os “bissexuais confessos” em março e em artigo a respeito da popularização do mapa astral – incluindo a discussão do mapa astral de Fernando Gabeira – em abril. Em dezembro do ano anterior, Gabeira também fora citado em matéria sobre moda masculina. Em maio, não é evocado e, em junho, retorna às páginas do periódico por ocasião de sua volta ao Brasil, regressando de passagem por países europeus, para o lançamento de “O Crepúsculo do Macho”.

Gabeira tornaria a receber destaque em fevereiro de 1981 quando, após o lançamento de “Entradas e Bandeiras” é contemplado com capa e reportagem de seis páginas. Somente dezoito meses após a proclamação da anistia, o autor recebe da revista o elogioso qualificativo de “mais bem-sucedido entre todos os retornados de 1979”, quando favoravelmente comparado a outras célebres figuras políticas de seu tempo: “Luís Carlos Prestes ficou sem Partido Comunista. Leonel Brizola, sem Partido Trabalhista. Miguel Arraes, sem importância. Os ex-líderes estudantis, treze anos mais velhos, ficaram sem estudantes. Os teóricos da luta armada ficaram sem teoria. Todos os que, de uma forma ou de outra, tentaram fazer do retorno um resgate do passado fracassaram. E Gabeira é o símbolo do retorno ao presente, e, se possível, ao futuro”<sup>47</sup>. Adiante, a revista cumprimenta-o por ter apresentado, em seus livros já publicados, “um memorialismo de esquerda devidamente equidistante (sic) de apologias e ressentimentos”<sup>48</sup>. Chamado por *Veja* também de “memorialismo instantâneo”, a ele Gabeira se refere, apontando para um horizonte passível de ser sempre reescrito, uma vez que, em meio ao projeto de escrita de um quarto livro, acenava com a possibilidade de escrever suas memórias a cada seis meses. Seu agora, contudo, seria dar seqüência à peregrinação pelo Brasil pelo menos até maio daquele ano.

---

<sup>45</sup> GABEIRA, Fernando. Bye, Bye, Brasil. *Veja*, p.98, n.597, 13 fev 1980.

<sup>46</sup> VEJA. Gente. *Veja*, p.45, n.596, 6 fev 1980.

<sup>47</sup> FIORILLO, Marília Pacheco. O Cronista do País Oculto. *Veja*, p.39, n.651, 25 fev 1981.

<sup>48</sup> Id., p.42.

### 2.3 Gabeira Revê o Brasil: a Riqueza do Sabiá

E a paisagem se alheava,  
 portos pleniancoráveis, sendas delongadas,  
 penhas petrosas, arvoredos luxuriantes.  
 Perscruta em pé a terra ancestre e espalma as mãos  
 às lágrimas, golpeando a própria coxa. Exclama  
 pranteando a cântaros: “Tristeza! A quem pertence  
 a terra onde repiso? A rudes, a antileis,  
 a prepotentes? Ou a filoforasteiros  
 pertence, âmago divino-temeroso?  
 Tanta riqueza, aonde devo transportá-la? (...)”  
 (ODISSEIA, Canto XIII)

Na realidade, entre idas e vindas, cada vez mais se afigurou o Brasil como o grande tema das falas e dos escritos de Gabeira entre 1980 e 1981. A caracterização que ele recebe de Veja na reportagem de fevereiro de 81, ao que pese assemelhar-se, à primeira vista, com aquela que obtivera em novembro de 1979, já é enquadrada por outro viés. Em “O Político do Prazer”, o autor é apresentado como o exótico exilado que retornara ao Brasil, introduzindo costumes desconcertantes, que em nada lembravam o guerrilheiro membro do grupo sequestrara o embaixador Elbrick. Em “O Cronista do País Oculto”, por sua vez, o que era antes visto como excentricidade, passa, então a ser tratado como temperança, inteligência e simpatia. Antes, um estranho no ninho; então, o filho pródigo que retornava, embalado pela melodia do sabiá.

O motivo do sabiá é significativo, pois é a ele que Gabeira recorre para concluir sua trilogia. Em “Estradas e Bandeiras”, a conclusão a que chega a respeito de sua própria missão, para si e para o Brasil, é sintetizada antes da partida do verão de 80. Gabeira recorda o pedido de Veja para a escrita do texto de despedida e, com mais espaço para refletir, elucida o propósito da felicidade, o mote político que parece encontrar após o retorno ao país: “Não tinha sido responsável por um enorme avanço político no Brasil. Minha passagem não aumentou o nível de consciência e de organização da classe operária, nem tornou diretamente mais próximo o fim do sistema capitalista. Mas conseguira introduzir uma série de temas importantes para a felicidade das pessoas, temas que não podem esperar por uma incerta e longínqua revolução para serem examinados. (...) Não poderia dizer mais claramente na *Veja*, porque ainda não compreendia na época: minha maneira de viver era em si um estímulo para milhares de

peças que queriam levantar a cabeça. Talvez isso tenha influenciado mais do que tudo em nossa felicidade, naqueles primeiros meses de anistia política”<sup>49</sup>.

Ao rever a trajetória, Gabeira reage ao estranhamento que seu retorno havia causado no Brasil que reencontrara: “Tinha estudado vários anos, percorrido caminhos diferentes e me transformado numa outra pessoa. Às vezes me paravam na rua e diziam: ‘Como você está estranho! Ainda bem que alguns asilados não mudaram nada.’ Ainda bem que mudei tanto, pensava comigo”<sup>50</sup>. Sua resposta à reação do lugar que chama de *Brasítaca* é comparar-se ao engenho de Odisseu: “Costumava chamar nosso país de Brasítaca. E dizia para mim mesmo que não me atei em nenhum mastro, ao ouvir o canto das sereias. Deixei que todos eles, os mais belos e sonoros, invadissem suavemente meus ouvidos e modificassem toda a linha de minha vida”<sup>51</sup>. Entre todos, contudo, é percebida alguma predileção pelo canto do sabiá.

Afinal, com o segundo retorno ao Brasil, aquele descrito por Veja em fevereiro de 1981, e narrado pelo autor no último capítulo de “Entradas e Bandeiras”, surge a decisão de viver com uma companheira no lugar mais ermo que a natureza lhe permitisse – seu novo endereço passou a ser uma tenda de acampamento próximo ao rio Maracujá, na região de Ouro Preto. Possivelmente, a experiência imersiva viabilizaria ao autor ampliar seu ingresso no universo da Ecologia, fosse esse pretexto deliberado ou não. E, quando chamado por um amigo para relatar em palestra que razões o moveram àquela decisão, considera explicar sua postura política não por meio da racionalidade, mas, sim, conforme categorias eróticas, como aquelas que vinha forjando desde o primeiro exílio: “(...) era importante não fazer uma defesa puramente racional da natureza – o desgaste econômico. Era preciso, quem sabe, falar também das emoções. O sabiá, vocês conhecem um pássaro chamado sabiá? Pois é. Ele está acabando. O que será da gente quando ele deixar de cantar? Quem levanta nosso ânimo naquelas tardes meio nubladas de princípio de verão? Quem canta debaixo de chuva, um canto longo e sinuoso? Quem é que a gente espreita por trás do laranjal, só para surpreender seu vôo (sic) leve, seu doce pousar no galho?”<sup>52</sup>.

E por que o sabiá? Possivelmente porque ele representava a imagem capaz de ligar sua meta, a felicidade, ao seu fim, o Brasil. A conclusão da trilogia se dá por meio de um reinício, a imaginação de uma narrativa que versasse sobre o autor, sobre seus

---

<sup>49</sup> GABEIRA, 1981, p.165.

<sup>50</sup> Id., p.166.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Id., p.198.

“companheiros de viagem” próximos e, fundamentalmente, sobre as contradições que enxergava no país ao qual, uma vez mais, retornara: “Amanhã cairemos na estrada e ainda estaremos em Minas. Os narradores que vivem em cada canto da província talvez falem de nós: ‘Era uma vez duas pessoas, dois pintinhos e dois marrecos, viajando num jipe verde em busca do novo mundo. Um sabiá laranja cantava docemente, os índices de inflação eram insuportáveis e o sol brilhava o ano inteiro... Rio Maracujá, verão de 1981”<sup>53</sup>. Em meio à inflação, que não terminara com a abertura política, e não terminaria com a passagem do Brasil à democracia, cantava o sabiá, contudo ameaçado ainda, lembrara Gabeira páginas antes.

A felicidade que Fernando Gabeira planejava compartilhar com os demais brasileiros, e que refletia seu projeto político, é expressa pela alegoria do sabiá. Representante da natureza, da liberdade e da música, o sabiá é motivo secular da cultura brasileira. Habitante autóctone, o *Turdus rufiventris* é exemplar típico da fauna brasileira, sendo encontrado também na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Felizmente, contrariamente à preocupação de Gabeira, ocupa hoje a posição de “menor perigo” no índice *RedList*, do Programa de Espécies Global, que avalia o perigo de extinção de espécies em escala intercontinental (THE IUCN RED LIST OF THREATENED SPECIES, 2015). Mas além dos valores cultiváveis que encantam o apreciador da ave, o sabiá tem significado, ao longo da história da arte no Brasil, não apenas o idílio como, também, a nostalgia e o exílio. As referências são diversas: a Canção do Exílio (1847) de Gonçalves Dias, que provavelmente inaugura, ao menos na língua portuguesa, a associação entre sabiá e Brasil: “*Não permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para lá;/ Sem que disfrute os primores/ Que não encontro por cá;/ Sem qu’inda aviste as palmeiras,/ Onde canta o Sabiá.*”. A letra do Hino Nacional, composta por Osório Duque-Estrada (1909), não se furta em citar o poema de Gonçalves Dias: “ ‘*Nossos bosques têm mais vida*,’/ ‘*Nossa vida*’ no teu seio ‘*mais amores*’”. Na cultura popular, é seara vastamente explorada pelo cancionista, de Luiz Gonzaga (1951) – “*Tu que anda pelo mundo (Sabiá)/ Tu que tanto já voou (Sabiá)/ Tu que fala aos passarinhos (Sabiá)/ Alivia a minha dor (Sabiá)*” – a Roberta Miranda (1985) – “*Esta viagem dentro de mim/ Foi tão linda/ Vou voltar à realidade/ Pra este mundo de Deus/ Pois o meu eu/ Este tão desconhecido/ Jamais serei traído/Pois este mundo sou eu/ (...) Em minha volta sinfonia de pardais/ Cantando para a majestade, o*

---

<sup>53</sup> Id, p.208.

*Sabiá*”, sem esquecer Tom Jobim e Chico Buarque (1968), em canção emblemática que marcou o auge dos anos de chumbo: “*Vou voltar/ Sei que ainda vou voltar/ Para o meu lugar/ Foi lá e é ainda lá/ Que eu hei de ouvir cantar/ Uma sabiá*”.

Mediante a miríade de referências, fica claro que a escolha do sabiá não foi aleatória. O tema da ave, eleito para dar ponto final a parte da história de Fernando Gabeira, encontra-se entrelaçado de relações intertextuais com expoentes da Literatura brasileira. Se por um lado, o sabiá surge como sinal da natureza brasileira a ser exaltada por todo aquele dotado de consciência ambiental – o que talvez não seja melhor expresso senão nas palavras que Duque-Estrada meticulosamente toma emprestadas do poema de Gonçalves Dias –, ele é recorrentemente o símbolo do exílio, de algum tipo de pátria da qual se está alienado e que causa, mais uma vez recorrendo-se a um forte motivo da cultura luso-brasileira, tremenda saudade. É, portanto, a imagem do sabiá que permite a reunião das obras de Fernando Gabeira, no sentido mais abrangente possível: sua práxis política, da formação ao exercício, e sua obra literária, espaço em que se debruça sobre aquela, visando a elaborá-la.

#### 2.4 Estações de um Projeto

Com isso, é possível visualizar, levando em consideração as transformações ao longo do desenvolvimento de sua formação política bem como os efeitos significativos que o exílio e o retorno legaram à formulação de Fernando Gabeira para um projeto político para o Brasil, três nítidos “lugares” no tempo, todos eles, igualmente, relacionados à noção sartreana de “projeto”.

Entre 1964 e 1970, Gabeira concebia o Brasil, conforme descreve em “O Que É Isso, Companheiro?” como um país em crise de identidade, urgentemente necessitado a conhecer a si próprio, e sob categorias tão científicas quanto possível, pois desta iluminação emergiria o conseqüente antídoto: “Qual a vantagem de saber se o Brasil era ou não capitalista? Em primeiro lugar, era preciso conhecer o país que se estava pensando em revolucionar. Em segundo lugar, isso nos ajudava a compor um quadro aparentemente mais profundo para explicar a derrota de 64”<sup>54</sup>. Aí está presente uma dimensão essencialmente utópica de ação política, no sentido mais clássico do termo. A utopia, em sua acepção mais essencial e mais abrangente, diz respeito à projeção a um

---

<sup>54</sup> GABEIRA, 2012, p.32.

“não-lugar”, um lugar ainda irrealizado, mas que é visualizado através da imaginação. Jacoby (2007) fala de uma bifurcação da ideia de utopia, sobretudo a partir de revisões empreendidas por tendências de esquerda dos anos 70 e 80 em diante: com a frustração da não concretização de utopias imaginadas, forjou-se a noção de “utopia iconoclasta”, ou seja, a projeção para um lugar sem a presença de uma imagem concreta. Esta se diferenciaria da noção mais clássica de utopia, aquela em que uma imagem é perfeitamente projetada, imaginada. Esse parece ser o lugar do projeto político que Gabeira vislumbrava para o Brasil nos anos 60, antes de seu exílio.

A ideia de uma utopia iconoclasta, como pensada pelo historiador estadunidense parece fazer sentido ao localizarmos no tempo o discurso de Fernando Gabeira em 1978, presente na entrevista concedida a “O Pasquim”. Ali, o advento do exílio é flagrante, sem que, contudo, tenha ainda se oportunizado o retorno. Mas o projeto advogado por Gabeira naquela época flutua justamente na atmosfera da utopia sem imagem, ou, mesmo, de uma espécie de atopia, termo que é definido apenas semanticamente como “fora de lugar”, “deslocado” e “estranho”. Ora está presente no projeto iconoclasta de Gabeira uma intenção, um impulso e, também, um alvo bem definido – o Brasil –, mas, como citado previamente, não é reservado espaço para qualquer programa revolucionário, qualquer ordenamento pré-estabelecido, qualquer discurso prévio a uma conversação com o povo. Em vez disso, o projeto defendido é buscar interpretar, antes de tudo, que quer que seja aquilo para que o povo aponte.

E há, certamente, ainda um terceiro momento, em que o projeto de Gabeira ganha contornos mais específicos. Uma vez afetado pelo retorno ao Brasil, seu roteiro apontará para um lugar outro, em 1981: o lugar do sabiá. Na figura que sintetiza várias das facetas de sua experiência política, o Gabeira entusiasta de diversas novas agendas logra tornar mais palpável a meta que deseja compartilhar com seu país. Carregando ainda a bagagem do seu passado, entre aprendizagens e revisões, Gabeira projetará na ave, na natureza, no Brasil profundo, seu desejo de dar seguimento a uma práxis política. Afinal, valendo-se dos veículos de comunicação, de sua celebridade e do canal de comunicação aberto por meio de sua literatura, ele não simplesmente busca uma “experiência pessoal de felicidade” – ele ensaia transformar também isso em tema de agenda pública e busca chamar atenção para o fato de que esse outro lugar também possa fazer as vezes de via política alternativa, em prol de quem quer que se sinta convidado para tal. Aqui, então, parece que se localiza um outro registro tópico: o da heterotopia, como a define Foucault (1967): uma localização geográfica da utopia, cujo

funcionamento obedece condições não-hegemônicas. De modo a empreender um projeto político consoante com a atualização de sua formação política, Gabeira buscou na heterotopia as condições para concretizar a meta de sua práxis. Curiosamente, do reencontro com a pátria de que estava alienado, o autor compeliu-se a buscar um “lugar outro”. Mas, com efeito, o lugar outro de que carecia seu projeto de então concorria para aproximá-lo mais do lugar utópico ao qual ele almejava.

## Considerações Finais

Este trabalho se propôs a prestar uma pequena contribuição à história da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e à história de sua memória. Por meio da figura de Fernando Gabeira, ocupou-se de resgatar a trajetória política de um intelectual controverso, cuja popularidade provou ser emblema de uma polêmica que persiste. Em virtude de um grupo não sentir-se contemplado pelo discurso de memória que crê ter se tornado predominante, dificilmente a situação de impasse parece conduzir-se para o consenso. Até que ponto a narrativa de Gabeira diz respeito apenas a sua experiência individual de luta contra a ditadura, uma vez que opera com fatos vivenciados por vários sujeitos e que alguns deles são capazes de se reconhecer nas obras? Ao mesmo tempo, até onde a “aura” da dimensão pública é capaz de cobrir os elementos mais subjetivos da memória de um indivíduo? E ainda mais em se tratando de atividades políticas, que tanto são capazes de imiscuir o público ao privado, talvez dificilmente se será capaz de visualizar uma fronteira nítida. Tendo consciência da dificuldade de abordar tais questões, sinto-me satisfeito se o esforço aqui empreendido, ainda que não capaz de solucionar esses pontos, houver ao menos provocado mais inquietação e mais curiosidade ao leitor. Certamente a relação que o historiador estabelece com o fenômeno da memória é um dos temas mais instigantes para a pesquisa neste ofício.

Penso ter tido sucesso em demonstrar a importância das fontes “intermediárias” para melhor compreender a relação que se passa entre a obra de Gabeira e a sua recepção na esfera pública, uma vez que sua notoriedade, comprovada pelo fenômeno editorial de “O Que É Isso, Companheiro?” foi bastante documentada na época da abertura política. Certamente, outras fontes midiáticas hão de provocar ainda outros questionamentos que poderão porventura preencher novos pontos elípticos nas discussões em torno da disputa pela memória dos eventos aqui em questão. De toda forma, parece-me que ter lançado mão da trilogia do retorno consistiu em proveitoso exercício para melhor compreender a singularidade da trajetória política de Gabeira, os itinerários geográficos, intelectuais e éticos que a mesma percorreu. Para tanto, o construto “formação política” foi instrumental para a elaboração de uma narrativa que procurasse apreender do melhor modo possível o conteúdo narrado pelo autor. Acredito que ter partido de um pressuposto de tal dinamismo auxiliou na tarefa de acompanhar a racionalidade e a sensibilidade que guiaram a expressão do autor. O fato de seu discurso, nas várias esferas midiáticas que estiveram a seu dispor, ter sido transmitido



de maneira tão ressonante parece atestá-lo. Pessoalmente, sinto-me mais capacitado para compreender o discurso de Fernando Gabeira e contrastá-lo com a dívida que é a ele reclamada.

Também acredito que o fato de ter estendido o recorte da pesquisa para o conjunto dos três livros publicados em sequência por Gabeira auxiliou a pintar um quadro mais completo a respeito de sua formação política e de seu relacionamento com o Brasil após o seu retorno. “O Que É Isso, Companheiro?”, se tomado a parte, é capaz de informar a respeito do diagnóstico que o autor fazia do Brasil à época do golpe e de suas filiações políticas fundacionais. No entanto, para os propósitos desta pesquisa, que se propôs a compreender com mais especificidade o momento inicial da abertura política, os demais livros, cujo conteúdo não é tão conhecido quanto o do anterior, são aqueles que se mostraram fontes essenciais.

Considero ainda relevante chamar atenção para a própria escrita da trilogia de Gabeira, já que seu estilo é pessoal e permite relacionar a forma àquilo que há de tão particular em seu discurso. Ao mesmo tempo, por via das relações intertextuais, por exemplo, as imagens empregadas para transmitir ideias, como o exílio e o sabiá, permitem relacionar o particular do autor a um todo do qual ele também faz parte. Se se pressupõe que partilha elementos em comum de uma memória coletiva, faz sentido também assumir a premissa de que Gabeira partilha de outros elementos da cultura na qual está inserido. Isso permite ressaltar tanto o que há de específico quanto o que situa sua biografia no conjunto de experiências que dizem respeito às vidas diretamente afetadas pela ditadura de 1964 a 1985.

## REFERÊNCIAS

### A)Fontes

FIORILLO, Marília Pacheco. O Cronista do País Oculto. **Veja**, p.38-43, n.651, 25 fev 1981. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

GABEIRA, Fernando. Bye, Bye, Brasil. **Veja**, p.98, n.597, 13 fev 1980. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

GABEIRA, Fernando. **Carta sobre a Anistia; A Entrevista do Pasquim; Conversação sobre 1968**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GABEIRA, Fernando. **Entradas e Bandeiras**. São Paulo: CODECRI, 1981.

GABEIRA, Fernando. **O Crepúsculo do Macho**. São Paulo: CODECRI, 1980.

GABEIRA, Fernando. **O Que É Isso, Companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MENEZES, Marco Antônio. As Boas Leituras. **Veja**, p.60-61, n.591, 2 jan 1980. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

PINHEIRO, Flávio; VERÍSSIMO, Suzana. O Grande Sequestro (*sic*). **Veja**, p.76-78, n.574, 5 set 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 14 nov 2015.

SÁ CORRÊA, Marcos. O Político do Prazer. **Veja**, p.122-125, n.585, 21 nov 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 14 nov 2015.

VEJA. As Estrelas da Década. **Veja**, p.185-196, n.590, 26 dez 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

VEJA. As Aves Aqui Gorjeiam. **Veja**, p.76-80, n.580, 17 out 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 14 nov 2015.

VEJA. Cartas. **Veja**, p.10-12, n.587, 5 dez 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

VEJA. Gente. **Veja**, p.45, n.596, 6 fev 1980. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 15 nov 2015.

VEJA. Os Mais Vendidos. **Veja**, p.98, n.581, 24 out 1979. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso: 14 nov 2015.

## B)Bibliografia

BRITTO, Fabiano de Lemos. Identidade Cultural e Formação Individual: a Alemanha do Século XIX e a Fundação da Pedagogia Moderna. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.33, n.118, p.217-233, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a14.pdf> Acesso: 17 out 2015.

BRUM, Eliane. “Não Matei por Amor”. **Época**. 1 set 2006. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75229-6014,00.html> Acesso: 28 out 2015.

COMPANHIA DAS LETRAS. **O Que É Isso Companheiro? (Edição de Bolso)**. São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=80121> Acesso: 4 nov 2015.

FICO, Carlos. O Brasil no Contexto da Guerra Fria: Democracia, Subdesenvolvimento e Ideologia de Planejamento (1946-1964). In: MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem Incompleta: a Experiência Brasileira (1500-2000) – a Grande Transação**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. Des Espaces Autres (1967). **Dits et Écrits: 1954-1988**. Tome IV: 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas: A Esquerda Brasileira – Das Ilusões Perdidas à Luta Armada**. São Paulo: Ática, 1987.

GRECO, Heloísa. **Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia**. 2003. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

JACOBY, Russel. **Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

LOUVRIER, Julien. L’Engagement d’Intellectuels Français et Francophones, Universitaires et Juristes, dans le Tribunal Russell II pour l’Amérique Latine (1973-1976). **Colloque International Les Intellectuels dans la Cité: Identités, Sociabilités et Fonctions Intellectuelles de l’Antiquité à nos Jours**. Maio 2006. Disponível, sob registro gratuito, em: [https://www.academia.edu/166082/Le\\_Tribunal\\_Russell\\_II\\_pour\\_l\\_Am%C3%A9rique\\_latine\\_1973-1976\\_Mobiliser\\_les\\_intellectuels\\_pour\\_sensibiliser\\_l\\_opinion\\_publicque\\_internationale](https://www.academia.edu/166082/Le_Tribunal_Russell_II_pour_l_Am%C3%A9rique_latine_1973-1976_Mobiliser_les_intellectuels_pour_sensibiliser_l_opinion_publicque_internationale) Acesso: 26 out 2015.

OPPO, Anna. Socialização Política. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfrancesco (Orgs.). **Dicionário de Política**. Vol.1. Brasília: Editora UnB, 1998.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº6683, de 28 de Agosto de 1979**. 1979. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm) Acesso: 20 nov 2015.

REIS, Daniel Aarão et al. **Versões e Ficções: o Sequestro da História**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura, Anistia e Reconciliação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.23, n.45, p.171-186, jan./jun. 2010.

RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus Significados, Ontem e Hoje. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 Anos do Golpe de 1964**. Porto Alegre: Zahar, 2014.

ROESLER, Claudia Rosane; SENRA, Laura Carneiro de Mello. Lei de Anistia e Justiça de Transição: a Releitura da ADPF 153 sob o Viés Argumentativo e Princiipiológico. **Sequência**, n.64, p.131-160, jul. 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la Raison Dialectique**. Paris: Gallimard, 1960.

SARTRE, Jean-Paul. A Friend of the People. 1970. In: SARTRE, Jean-Paul. **Between Existentialism and Marxism**. London/New York: Radical Thinkers, 2008.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Anistia no Brasil: um Processo Político em Disputa. In: COMISSÃO DE ANISTIA DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO BRASIL & CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE OXFORD (REINO UNIDO) (Orgs.). **A Anistia na Era da Responsabilização: o Brasil em Perspectiva Internacional e Comparada**. Brasília/Oxford: Ministério da Justiça/Oxford University, 2011.

SUAREZ, Rosana. Notas sobre o Conceito de Bildung (Formação Cultural). **Kriterion**, Belo Horizonte, v.46, n.112, p.191-198. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a05.pdf> Acesso: 17 out 2015.

THE IUCN RED LIST OF THREATENED SPECIES. **Turdus rufiventris**. 2015. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org/details/22708882/0> Acesso: 15 nov 2015.

WAIZBORT, Leopoldo. A trilogia do retorno de Fernando Gabeira. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 7, p. 41-92, 2014. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero07/escritos%207\\_02\\_a%20trilogia%20do%20retorno.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero07/escritos%207_02_a%20trilogia%20do%20retorno.pdf) Acesso: 16 out 2015.